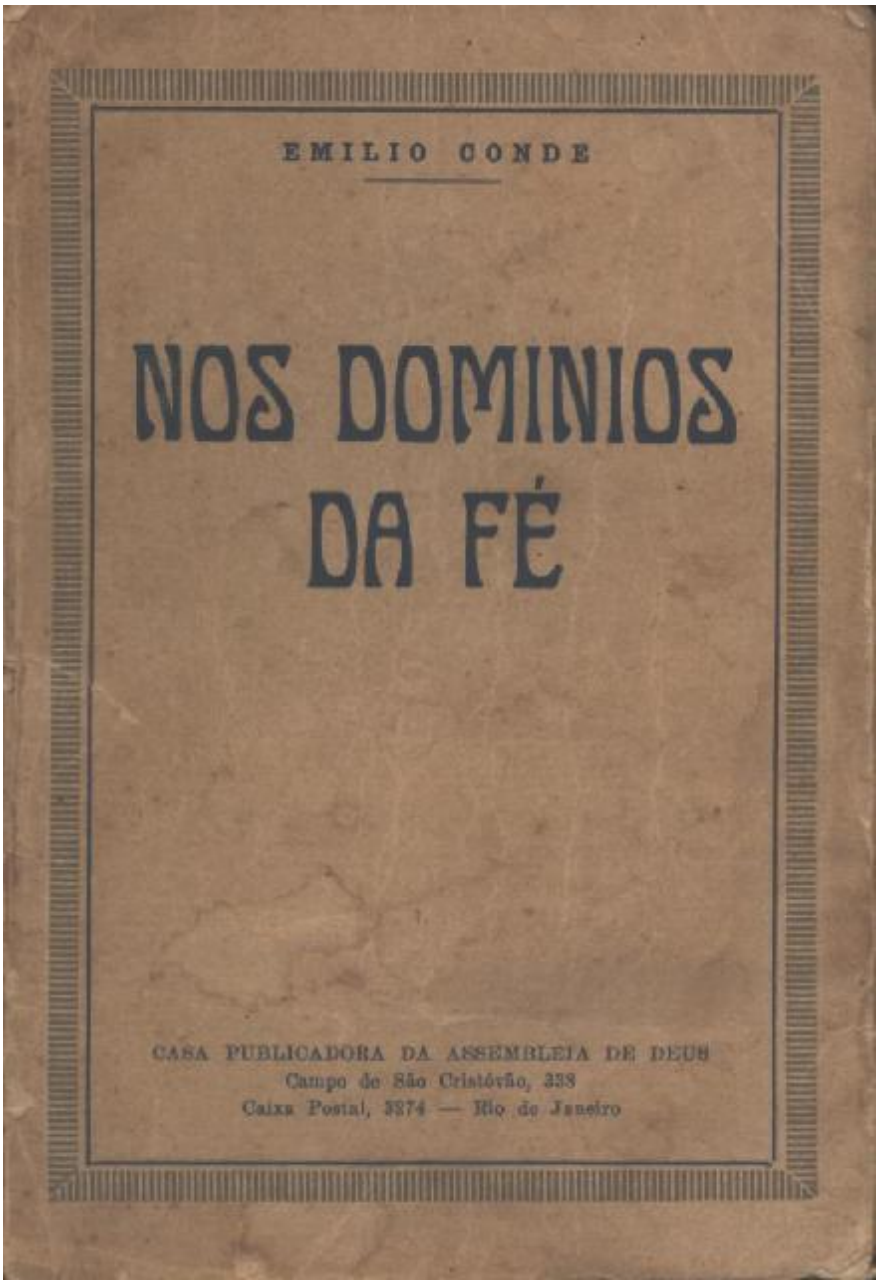

E-book digitalizado por: Levita
Com exclusividade para:

E-BOOKS Evangélicos

http://ebooksgospel.blogspot.com/

Emilio Conde

NOS DOMINIOS DA FÉ

ÍNDICE

Prefácio 04
Que farias no Céu! 05
Há Três que vos miram 07
Fugindo de Deus 09
Faze bem a ti mesmo 12
Deus, a Ciência e o acaso 15
Onde está a morte? 19
Luta, se queres viver..... 21
Lírios no Charco..... 24
Frutos de Salvação 26
Volta ao lugar da queda..... 28
Os sermões de Sofia..... 30
Tempo de inventário 33
Cristãos de ontem e de hoje 35
Pastor, que vês na congregação 37
Cidade do pecado.....39
Pedagogia de Deus 43
Uvas na vide 45
Além do Rio..... 47

PREFÁCIO

Escrever sobre assuntos que dizem respeito aos domínios da fé, eis um problema que desafia a coragem e a capacidade dos escritores de nossos dias.

As grandes tarefas que surgem após as grandes catástrofes e guerras, que reduzem a cinzas a cultura, a educação e a fé, não são apenas problemas de ordem material, mas envolvem os movimentos de ordem moral e espiritual, e é na ordem moral e espiritual que Deus produz o milagre de fazer brotar caracteres impolutos das ruínas em combustão. Qualquer esforço que se faça para restabelecer o equilíbrio dos povos que emergiram da confusão, se não tiver um objetivo à altura da necessidade, não alcançará o alvo. Sendo o problema de ordem espiritual, só na ordem espiritual encontrará solução.

Eis porque nos lançamos a escrever sobre assuntos que pertencem aos domínios da fé, mas da fé viva e prática que move até mesmo o coração de Deus.

O conteúdo deste livro, por certo, não será um deleite para os ateus. Não é, também, retórica que empolgue nem filosofia que engane. Entretanto é alimento que edifica as almas que, cansadas de sofrer e desiludidas de vaguear, suspiram por Deus e desejam viver as realidades que há nos domínios da fé, e que só o Espírito Santo pode revelar em todo o seu fulgor e beleza. Se a leitura deste livro lhe fizer bem, recomende-o a outros.

O AUTOR.

CAPITULO I

QUE FARIAS NO CÉU?

Supondo que, após rejeitares Jesus, pudesses entrar no céu, antes que te pedissem o passaporte, salvo-conduto ou outro qualquer documento de identidade, quer dizer, antes que fizessem a chamada e verificassem que o teu nome não estava inscrito no Livro da Vida. Se tal acontecesse, que farias no céu? É possível que os seres celestes não te expulsassem abruptamente dali, mas um simples olhar pelo ambiente repassado de santidade e saturado de pureza, seria suficiente para deixar-te transtornado, confuso e desejoso de sair, ó mais breve possível, das moradas dos anjos, pois a tua consciência impura e má, lutaria para não permanecer no céu.

Ao deparares com os habitantes da glória, e fixando o olhar nas vestes de justiça, único traje que se usa ali, notarias, surpreso, que estavas nu, pois rejeitaste a veste de justiça que Jesus te ofereceu, e que farias no céu nessa condição de desespero e contraste? Por certo fugirias envergonhado e humilhado por haveres entrado num lugar de santidade sem estares em condições de o fazer. Que farias no céu se os anjos, tomando suas harpas ferissem acordes e arrancassem harmonias tão estranhas, tão doces e tão puras que a tua mente não pudesse reter? O que tinhas a fazer, ante o brilho da sinfonia angelical que enche os céus de louvor e ações de graças ao Cordeiro, já que não os podias acompanhar, repetimos, o que tinhas a fazer era fugir espavorido, impossibilitado de suportar a doçura da música divina e o cântico dos anjos, porque a pureza do céu amedronta a carne pecaminosa e vil que não obteve perdão.

Se te achasses entre a multidão de santos e anjos, manifestando sua perene e incontável alegria, sem que os teus lábios pudessem descerrar-se e acompanhá-los, por não estares salvo por Cristo e identificado com os seres celestes, dize-me, amigo, que farias no céu? Imagino que, desejarias antes estar nas escuras cavernas da terra que estar na companhia dos salvos, pois diante de tal situação a agonia do teu espírito seria mais forte do que qualquer resistência física.

Se tivesses de andar nas ruas de ouro, sem estares calcado com a preparação do Evangelho, sentirias a tristeza e angústia que o pavão sente ao reparar o contraste da beleza sem par de sua plumagem, com a feiúra dos pés sem gosto nem estética em que se apóia. Que farias no céu, ao reconheceres que estavas descalço, pisando sobre coisas sagradas? Reconheço quão incômoda, embaraçosa e insuportável seria a presença da impiedade dentro da cidade de Deus,

Que farias numa terra cuja linguagem desconheces, vendo outros entregues ao prazer de amigáveis e enternecidos colóquios, e tu condenado a permanecer mudo e solitário por toda a eternidade? No céu, amigo, ninguém te repreenderia. Os habitantes dos céus distilam compaixão e amor; porém o olhar dos santos e a afeição dos salvos seriam acusações tão fortes à tua impiedade que não resistirias encara-

los, em virtude de haveres rejeitado a redenção e a vida. Se tentasses defrontar-te com os anjos, temerias, desejadas antes a morte do que teres de fica na presença de Cristo.

É loucura alguém pretender o céu sem se identificar com Cristo e Seu Evangelho aqui na terra.

O coração transbordante de ódio e maquinando males, não achara gozo no próprio céu. Enquanto o homem não receber perdão e não possuir redenção, será infeliz, mesmo que consiga subir até ao céu. Para o homem sem Cristo, não há céu, porque a vida de impiedade e egoísmo transforma o céu em lugar de sofrimento, isto é, aquele que não fôr justificado pela fé, tanto faz viver na terra como subir ao céu, será sempre uma vítima do coração enganoso.

Quem expulsa o homem do céu e dos domínios da fé, é a condição em que o mesmo vive. O pecado fêz com que Adão fugisse do Paraíso. O mesmo pecado faz com que o homem se afaste do céu.

Dize-me, amigo, se te fosse franqueado o céu, sem estares salvo, aceitarias viver ali? Que prazer desfruta-rias num país em que serias uma anormalidade? Não seria um tormento sem fim o teu desajustamento no céu? Pensas que sobreviverias ao sofrimento moral de viver no céu à luz da santidade de Deus?

Que farias então, no céu? Se até hoje pensaste em ir ao céu sem Jesus, desilude-te, lembra-te de que o céu não é céu simplesmente por ser céu, mas é céu porque a santidade de Deus o purifica, a luz do Cordeiro o alumia e a sabedoria do Todo-Poderoso o governa. Que farias no céu sem estares salvo? Responde tu mesmo a esta pergunta.

CAPITULO II

HÁ TRÊS QUE VOS MIRAM

Há cerca de cinqüenta anos passados, S. D. Gordon escreveu que há pelo menos três pessoas que sabem que espécie de crentes somos nós. Há três poderes que, noite e dia, têm seu olhar sobre a nossa vida, e observam se somos fervorosos ou hipócritas; crentes ou interesseiros; sabem se em nós há luz ou se somos pedras de tropeço, se amamos a Deus ou se zombamos da fé. Interessam-se em verificar se somos uma influência no mundo para o bem, ou se ocupamos o lugar das virgens loucas. Não lhes passa despercebido se nos oferecemos cada dia ao serviço do Cristo, ou se lançamos as pérolas aos porcos.

Esses três nos acompanham com interesse invulgar, pois todos eles têm espacial interesse na atitude que asmimos, no trabalho que realizamos, no testemunho que oferecemos, na dedicação que professamos ou no descuido a que nos atiramos.

Todos nós sabemos quem está interessado em conhecer nossa conduta e medir a nossa fé. Satanás acompanha de perto a nossa atividade como cristãos zelosos, também conhece se nós, apenas, confessamos Cristo com os lábios e o negamos com as ações; alegra-se se o nosso cristianismo for apenas nominal; se nos envergonhamos de confessar o nome de Jesus publicamente e se a nossa conduta como cristão não puder ser exposta à luz do dia. Satanás é um dos que não perde de vista o cristão, nem cessa de tecer laços que embaracem, prendam e derrubem o crente.

O mundo, é outro interessado que mira o crente a ,seu modo, e sabe dizer em publico qual a nossa conduta, e, muitas vezes, quando vacilamos, ele é o primeiro a apontar-nos as faltas e a lançar-nos em face a nossa fraqueza, hipocrisia ou a falta de coragem. Pedro foi inquirido por uma criada e escondeu sua crença, mostrou-se dobre, mas o mundo não se satisfez com sua negativa; a escusa apenas serviu para o enlaçar ainda mais.

O amargor será grande e continuo, se a nossa atitude não fôr corajosa diante do mundo que nos espreita. O mundo não teme quando andamos desordenadamente, com um pé no caminho largo e outro na vereda da vida, mas teme se a nossa vida, pregar a graça, se a nossa conduta mostrar que Cristo vive. Se alguém consentir nas ações do mundo e se conformar com suas obras e delas participar, pensando que assim lhe agrada, armará, com isso, um laço para a sua alma, porque mais tarde ou mais cedo o mundo o condenará, apontando-lhe a sua fraqueza e covardia. O mundo nos mira, mas para mal não para nos, admirar, mas para nos julgar.

Há ainda um terceiro que nos mira e que toma grande e especial interesse por nossas vidas. Este terceiro que nos olha, é Jesus, o Filho de Deus, e seu olhar, longe de condenar, desencorajar ou amedrontar, enche de esperança, dá vida e paz, e anima na jornada até aos domínios da fé.

Se, o mundo e Satanás nos olham; se nos cercam e nos tentam; se nos atacam e acusam vede que o Deus Forte, da profecia de Isaías, também nos segue e nos contempla, esperando que a nossa decisão seja digna de um cristão, e que a nossa atitude seja a repetição dos fatos e triunfos dos heróis da fé. Qual será nossa atitude ante os três que nos miram? A nossa atitude como cristãos pode preparar o caminho para os homens verem Jesus, mas também pode fechar a porta da graça. O cristão está colocado no mundo, como a luz, para alumiar; como sal, para evitar a corrupção e se falhar em sua missão, a derrota será grande, não haverá alegria no céu.

Um fato que ilustra o assunto no qual temos uma lição importante, é o que aconteceu com Livingstone, O pioneiro das selvas da África. Livingstone achava-se no centro da África; queria encontrar saída para o Atlântico, mas necessitava que os indígenas o acompanhassem até lá. Ora, ninguém conhecia tal caminho nem a distância e por isso era difícil convencer os indígenas a acompanhá-lo. Livingstone prometeu a essa gente que logo que encontrasse a saída para o mar, acompanhá-los-ia de volta. Com essa promessa conseguiu que o acompanhassem. Quando chegaram a Loamda, Livingstone teve oferecimento do capitão de um navio para o levar à Inglaterra, pois havia 14 anos não via sua família.

Livingstone estava com a saúde abalada, necessitava repouso, mas havia prometido aos africanos que o acompanharam até ali, que os levaria às suas aldeias; não podia enganar aquela pobre gente; era cristão, e como tal, a sua palavra devia ser honrada. Muito embora fosse, de fato, muito agradável a oferta de voltar à Inglaterra, contudo, Livingstone cumpriu sua palavra de cristão, levou o povo de volta às aldeias.

Alguns anos mais tarde, alguns missionários cristãos entraram em contato com o povo destas aldeias e anunciaram-lhe Jesus. Quando se referiram à vida do Salvador, citando o que Pedro escreveu, "O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano," para surpresa dos missionários, ouviram os selvagens dizer que conheciam esse "homem", dizendo que esteve entre eles. Os missionários julgaram ser equívoco, mas os africanos insistiram em afirmar que conheciam esse homem. Por fim, tudo se esclareceu: Livingstone vivera como cristão entre eles e fez resplandecer a luz do Evangelho, mostrou que o sal na terra tem uma missão muito importante. Seu testemunho deixou o caminho aberto para Deus. Os missionários encontraram o terreno preparado para lançar a semente. Havia três olhando para Livingstone: Satanás, olhava para ele no sentido de tentá-lo; o mundo olhava para ele querendo apanhá-lo em falta; Jesus olhava para ele apontando a Pátria Celeste e os domínios da fé, e esse olhar confortou-o até ao momento de ser chamado ao lar, pois quando chegou a hora de partir desta vida, ele estava ajoelhado, orando. Foi assim que seus homens o encontraram em sua cabana na África, ajoelhado, sem vida.

Há três que nos miram. Como decidiremos encará-los?

CAPITULO III

FUGINDO DE DEUS

Se alguém se der ao trabalho de verificar e fazer um confronto entre o número de pessoas que fogem de Deus e o daquelas que seguem ao Senhor, chegará a conclusões surpreendentes, constatará quão poucos trilham as veredas que conduzem a Deus, e notará que as multidões resvalam para o abismo, numa carreira agitada e irrefletida fugindo de Deus.

Adão foi o primeiro homem que fugiu de Deus. Escondeu-se quando desobedeceu, e seu exemplo frutificou, fêz discípulos e o que se vê, hoje, são homens consciente e inconscientemente fugindo de Deus, como se alguém pudesse esconder-se dos olhos do Onipresente.

Qualquer pessoa que estudar a psicologia das multidões sob o ponto de vista espiritual, certificar-se-á da tremenda realidade — homens fugindo de Deus —, sem se preocuparem se o final da carreira termina no céu ou se leva ao inferno.

Homens de todas as castas, criaturas de todas as raças, povos de todos os quadrantes, num desespero contaminante, confundem-se na corrida desabalada e louca, fugindo de Deus, sem saberem para onde vão, mas unicamente preocupados em fugir, pois sentem-se mal onde estiver a santidade do Senhor.

Se vos quiserdes certificar e saber como os homens tentam fugir de Deus, armai-vos de uma dose de paciência e acompanhai-me nesta descrição: Anotai quantos homens, mulheres e crianças caminham para a Escola Dominical e confrontai a diminuta freqüência, com os milhares que à mesma hora se preparam para ir aos Prados, assistir às corridas. Vede quantos afluem aos Estádios a fim de darem expansão aos seus temperamentos impulsivos. Verificai quantos, sem necessitarem, se atiram às praias unicamente para se escusarem de um convite para ir à Igreja. Não vos esqueçais de arrolar os que, furtivamente se esgueiram para os antros de jogos de azar. Computai a multidão que se fez escrava das danças esfalfando-se ao som de qualquer instrumento desafinado e rouco. Não esqueçais aqueles que se refugiam nas tabernas, enterrando ali a saúde, o dinheiro e o caráter.

A lista não estará completa se esquecerdes os obcecados pelo cinema, cujos fins podiam ser educativos, mas onde, apenas, se vê corrupção e se respira duplamente ar viciado e venenoso.

Somai todas essas parcelas, e dizei-me quantos são l os que buscam, o Senhor, na Sua casa, onde ordenou sua benção, e quantos são, também, os que fogem de Deus. Convidai essas multidões para voltar ao Senhor e esperai pela resposta. Se vos não apedrejarem, blasfemarão e ficarão contra vós. Se vos não perseguirem, contudo sereis tidos como fanáticos. Facilmente acharão desculpas e evasivas para justificarem a fuga que estão realizando. Procurarão neutralizar e até mesmo destruir a vossa fé. Alegarão que as diversões e os jogos são necessários à vida social de hoje, que são costumes já integrados na

atividade secular e que tradição é lei. Dirão ainda que vós é que estais fora da moda, falando uma linguagem pouco usada entre eles, isto é, falando em Deus. de religião e de fé, como se isto fosse um assunto de outros séculos e de outras terras.

Aqui não vai nenhuma alusão à educação física, tão útil ao desenvolvimento da raça. O que aí fica diz respeito ao que impropriamente alguns tratam de esporte, pois tudo se corrompeu e mergulhou no lodo das jogatinas e dos interesses monetários, fugindo, assim, à finalidade primitiva.

Se insistirdes no convite a seguir a Jesus, os que fogem de Deus taxar-vos-ão de loucos, dirão que tendes demônio. Foi assim que fizeram com Jesus, e vós também, não sereis poupados. O Diabo inverte os papeis; às trevas chama luz, ao direito trata de injustiça. Tudo isto acontece porque os homens fogem de Deus.

O que aí fica representa, queiram ou não, um quadro de perspectivas sombrias, no qual acentuadamente aparecem homens fugindo de Deus. Jeová, direta e indiretamente tem falado aos corações dessa multidão que continua a afastar-se do céu, mas não é ouvido.

Os homens fecham os ouvidos à voz do Senhor e revoltam-se contra o convite que se lhes faz para irem à Igreja, onde Deus mais propiciamente lhes quer falar. Se Adão teve discípulos, Jonas também tem seguidores. Deus enviou Jonas a Nínive com uma mensagem de arrependimento, mas ele tomou direção oposta; pensou que podia fugir da presença do Senhor.

Jonas tomou um navio que viajava para Tarsis, porém não chegou *ao* destino que escolhera, pois o pecado e a desobediência o alcançaram. Assim fazem os homens em nossos dias. Deus lhes indica a Nínive do arrependimento e eles fogem para a Tarsis do pecado. É mais fácil viajar para Tarsis do que ir a Nínive. Os navios para Tarsis (as multiformes manifestações do pecado) estão sempre prontos a receber os que fogem de Deus, pouco se exige dos foragidos da graça, tudo se facilita aos desejos da carne e do pecado; mas viajar para Nínive é mais difícil, a estrada não possui atrativos que seduzam; tem obstáculos que, se vencidos, desvendam *as* maravilhas do país dos domínios da fé.

O que os homens ignoram é que aos navios de Tarsis está, reservada uma desagradabilíssima surpresa como a que Jonas experimentou. Quando anunciarem que tudo é paz e segurança, eis que a tempestade se levanta, o mar agita-se enfurecido; o navio ameaça naufragar, e naufraga se não lançarem ao *mar a* carga de pecadas. Se a obstinação persistir, os tripulantes tem diante de si a morte.

Foi isso exatamente o que aconteceu a Jonas. Quando estava no navio em que se escondera, para fugir de Deus, uma tempestade envolveu a nau e ameaçou tragar todos quantos nela estavam. Fugir de Deus é desobedecer ; desobediência é subversão da ordem; subversão da ordem é caos e desordem, é naufrágio e perdição.

Jonas tentou fugir de Deus. Pensou que Deus estava em Jope onde lhe falara, mas que não estaria em Tarsis para onde determinou fugir. Mas Deus estava em Nínive, em Tarsis, no Navio, estava até *no*

fundo do mar. Se Jonas tomasse as asas da alva e fosse habitar nas extremidades do mar, ali a mão do Senhor o alcançaria. Se subisse até ao céu, ali encontraria o trono de Jeová. Mesmo que armasse seu leito na cova mais escura e mais profunda, ainda ali a luz de Deus o alcançaria .

Insensatez pensar ser possível fugir da presença de Deus. Homens fugindo de Deus é tragédia das almas que o pecado acorrentou e cegou para não verem que Deus está presente em toda a parte. Multidões fugindo de Deus enchem as estradas rumo ao ateismo e perdição.

Milhares e milhões de pessoas de todas as classes, vivem enganadas pelo Diabo que lhes promete aventuras e prazeres na viagem para Tarsis, mas em verdade, o que surge após um período de gozo carnal, é uma borrasca que Satanás não pode acalmar, Satanás promete tudo, mas nada mais faz do que acumular ventos que provocam tempestades de resultados fatais.

Homens que fugis de Deus, despertai do engano em que mergulhaste.' Reconhecei a realidade da vossa condição: Fugi da estrada do pecado, abandonai os navios de Tarsis, cujo prazer é um tóxico que mata.

Basta de fugir, voltai ao vosso Deus e vivei a vida de fé e ajudai outros a voltar também?

Vós que fugis de Deus sem de tal coisa vos aperceberdes, sabei que o mundo em que viveis não é vosso. O tempo que dissipais em loucuras está nas mãos de Jeová. O ar que respirais é um favor que o Senhor concede e a saúde que gozais é um dom do Pai celestial. Se Deus se irasse contra vós, serieis devorados. Por que fugis de Deus?

O dia vem, quando a corrida da morte terminará, tereis então de comparecer ante o tribunal de Cristo, quer isto vos desgoste ou vos desagrade. É uma lei inflexível que Deus estabeleceu que depois da morte segue-se o juízo, do qual ninguém escapará.

Estás vivendo como os que fogem de Deus? Deus está em toda a parte, porque enganas a ti mesmo? Vem, segue ao Senhor e bem irá a tua alma. Não fujas de Deus

CAPITULO IV

FAZE BEM A TI MESMO

Se os homens chegarem a descobrir as belezas transcendentais do aforismo: "faze bem a ti mesmo", e se por felicidade resolverem dar um passo até ao campo experimental do altruísmo, concluirão que o céu com seu gozo e a sua luz está bem próximo da terra, estará onde quiserem que esteja; estará no lar, nos negócios e nas relações e nos deveres sociais.

Não é fácil ao homem fazer bem a si próprio e concorrer para entesourar alegria, em virtude da lei moral que rege o assunto, exigir que o próximo seja beneficiado e que o reflexo desse benefício reflita em cheio na vida e nas relações de quem beneficência praticou.

Se o homem não é feliz, se não é capaz de fazer bem a si próprio; se fecha a fonte da felicidade e não aproveita as riquezas que a vida põe em seu caminho, deve esse fracasso a um sentimento inato que precisa dominar e vencer. Esse sentimento, chama-se "egoísmo". A simples idéia de que nosso semelhante triunfará se lhe dermos a mão para o ajudar, faz-nos recuar do propósito de fazer o bem.

Porém essa recusa e essa manifestação de egoísmo se transformam em uma voz a amedrontar a consciência que brota qual espinho a amesquinhar a alma e a amargurar a existência, porque o egoísmo desajusta o eixo harmônico da vida.

Em geral, todas as pessoas desejam o maior bem possível a si próprias; porém ante a perspectiva de ver seu semelhante participar da mesma felicidade, o desejo não é satisfeito as pessoas mudam de orientação, transformam a vida em problemas difíceis e insuportáveis *de* viver, impedem que o céu desça à terra.

O egoísmo não se apresenta arrogante e ameaçador como tempestades. Não anuncia suas intenções de roubar a felicidade à alma e criar dificuldades ao espírito. Sua ação de empobrecer a vida espiritual é tão sutil *e* tão imperceptível que poucos estão capacitados a denunciar sua aproximação.

Se não descobrirmos uma forma capaz de vencer o egoísmo, jamais faremos bem a *nós* mesmos, porque não concorremos para a felicidade do nosso próximo. No Evangelho de Cristo podemos descobrir a fórmula infalível de fazer bem a nós mesmos na pessoa dos nossos semelhantes. A fórmula consiste em dar para receber quadruplicado, com juros acumulados no céu, sem que um só centavo se perca.

O cristianismo não é simples teoria ou forma de doutrina; os ensinos de Jesus são espírito e vida. O sentido da vida é ação, portanto a vida cristã é experiência e realidade, é benção ao alcance daqueles que na vida têm um propósito de ser úteis a Deus e ao próximo .

Se queres fazer bem a ti mesmo, fá-lo na pessoa dos que mais necessitam ser socorridos, mas começa logo onde se deparar oportunidade. Se notares que uma alma necessita de uma palavra de conforto para chegar a Jesus e ser salva, acerca-te dela com oração e,

cheio de amor, aponta-lhe Cristo e o Calvário, o céu e o Pai que a espera, ansioso por ajudá-la. Se conseguires cumprir fielmente este dever de cristão, de forma que agrade a Deus, sentirás a tua alma elevar-se nas asas da graça até alcançar os domínios alcandorados da fé, onde o cálice da salvação transborda de modo tal que é possível nadar no mar do amor de Deus.

Se encontrares alguém pela estrada a quem possas mitigar a fome, serve-o, sem ostentação, conforme ensina o Evangelho: esconde à tua mão esquerda o que a mão direita oferecer, e depois confere quanto bem fizeste a ti próprio; mede a alegria do teu coração, se é que podes medi-la, após haveres socorrido o verdadeiro necessitado, no verdadeiro sentido de dar, dar sem ser visto, dar sem humilhar, dar na terra para receber no céu.

Se as circunstâncias te colocarem qual o bom Samaritano da Parábola, diante de alguém que, enfermo e sem forças, necessita dum braço amigo para o ajudar a erguer-se do leito ou da estrada; se for necessário perderes tempo e dinheiro para o socorrer, não prives a tua alma de se rejubilar, não mintas à tua consciência de homem de Deus, dignifica o teu Senhor, assiste e conforta o enfermo, sacrifica-te em seu favor e depois dize-me se há maior gozo ou se existe alegria mais completa do que a alegria do dever cumprido. Fazendo bem aos outros as bênçãos multiplicar-se-ão sobre ti.

Se fores levado à posição de Pilatos diante de Jesus, para julgar a vida ou o caráter de alguém, e se puderes discernir onde está a razão, não imputes faltas a quem faltas não tem, mesmo que essa atitude não satisfaça a amigos nem agrade a turba enfurecida. Não te deixes arrastar por razões políticas nem por interesses humanos, declara inocente aquele que faltas não cometeu, não amordaces a consciência para favorecer a mentira, julga com retidão, e depois dize-me se o teu sono foi ou não tranqüilo durante a noite.

Nem todos teremos os mesmos problemas a resolver. Não todos encontraremos enfermos para socorrer, aflitos para consolar, ou casos para julgar. As experiências não serão iguais, mas todos nós estamos em contato com o próximo e desse contato decorrem inúmeras oportunidades de servir a outros e fazer bem a nós mesmos. Não devemos esperar que acontecimentos extraordinários se manifestem para entrar em ação. A atividade de fazer bem deve começar pelas coisas mínimas até alcançar as maiores.

Ninguém será capaz de avaliar a extensão do gozo da alma daquele ou daquela que, vendo seu vizinho enfermo, foi cuidar-lhe da casa, vestir-lhe os filhos, preparar-lhe a comida e lavar-lhe a roupa.

Todos nós temos vizinhos. Se algum dia puderes por em prática esta sugestão, constatarás que todo o ouro do Brasil não compraria tanta felicidade como a que sentiste servindo ao próximo. Oferecendo o pouco que tinhas, recebeste riquezas que não podes contar, acumulaste bênçãos espirituais que os bens da terra não alcançam, entesouraste onde a traça não destrói, depositaste no Banco de Deus a juros de salvação. O prazer que se obtém com as riquezas que desconhecem o amor ao próximo não faz bem ao espírito, não engorda a alma, não

alegra a Deus.

Quem não estiver pronto a dar ao próximo uma partícula da sua própria vida e não sentir desejo de servir aos que o cercam, não é amigo de si mesmo, é vítima do egoísmo, nivela-se à sepultura que tudo esconde, tudo devora sem nada oferecer, e jamais diz: basta. Faze bem a ti mesmo. Não esperes que outros semeiem em teu lugar, para teu proveito e em teu benefício. Semeia tu mesmo, dá expansão ao amor, alegra o espírito, exercita a fé. Intercala nos dias da tua existência os quadros que só o altruísmo e a abnegação sabem esculpir para louvor de Deus, gozo e êxtase da alma que determinou semear gratidão, para ceifar vida eterna, e morar com Deus na terra dos salvos, nos domínios da fé. .

CAPITULO V

DEUS, A CIÊNCIA E O ACASO

Na linguagem dos homens de ciência, em razão das recentes descobertas que alcançaram separar os átomos, abrindo, assim, caminho para mistérios ainda por revelar, a era científica voltou ao marco inicial; está ainda no alvorecer, ensaia os primeiras passos, começa agora, a orientar-se no verdadeiro, caminho, aproximando-se cada vez mais da verdade que é Deus, muito embora alguns obstinados recusem aceitar a orientação lógica e segura que a ciência mais tarde ou mais cedo teria que seguir.

A confissão franca e sincera acerca dos mistérios que povoam o Universo; a coragem das afirmações dos luminares da ciência; as declarações reiteradas e os apelos patéticos à fé que ultimamente tem sido feitos pelos mais ilustres sábios, são um testemunho eloqüente de que a ciência começa a mover-se em direção a um alvo mais lógico do que o ateismo desejaria.

Alguns nomes que brilham no cenário científico do mundo têm sido honestamente positivos ao tratar das questões espirituais em relação à ciência, isto é, têm feito verdadeiras profissões de fé, ilustradas e baseadas nos argumentos que a própria ciência fornece, argumentos que não deixam lugar para qualquer dúvida sobre as declarações de quem as faz.

Para entendermos o que seja a ciência no alvorecer, basta esclarecer que, apesar das maravilhas dos raios-gama que o *Badium* nos proporciona; apenas 2 % são perceptíveis ao cérebro humano, restando, portanto, 98 % que ocultam aos nossos sentidos e à nossa visão mistérios indevassáveis de indiscritível beleza e de força não calculável.

Imaginai o fantástico de cores e formas que agem nesse mundo de maravilhas no conjunto de 98 % que a nossa retina não fixa porque é humana e finita. Grandezas sem par espraiam-se no infinito sem que ao homem seja dado descrevê-las, por lhe faltar a capacidade de reproduzir tão magnificentes quadros.

Se dissermos que o *Badium* emite ..... 120.000.000.000.000.000 de vibrações por segundo, concordareis estarmos diante de um mundo de maravilhas desconhecidas, que a ciência apenas começou a revelar. Entretanto as vibrações do *Badium* são esses cento e vinte mil trilhões por segundo, embora o cérebro se recuse a contá-las.

Os homens de ciência, melhor do que os homens do povo, conhecem a grandeza e as maravilhas ainda inaproveitadas do Universo e, para eles, mais do que para o homem simples e sem letras, o mundo, a vida e a eternidade são mistérios ainda desconhecidos que só Deus pode mostrar.

Se vos revelar que a terra girando sobre seu eixo faz mil e seiscentos quilômetros por hora e que, se apenas girasse à razão de

cento e sessenta quilômetros os dias e as noites seriam dez vezes mais longos do que são hoje. Em virtude de os dias e as noites serem tão longos, o sol crestaria toda vegetação, e a geada terminaria o extermínio do que escapasse do sol; considerando tais maravilhas que continuam obedecendo a uma lei inflexível, durante anos, séculos e milênios, concordareis que tais manifestações sábias e perfeitas não foram obra do acaso, nem surgiram inesperadamente, mas estareis concordes em que são obras de Deus, e que o nosso Deus revela Sua grandeza, Sua sabedoria, sua bondade e Sua soberania, pondo a terra precisamente a distância necessária para que o sol (fonte da vida) nos aqueça tão somente o necessário para nos dar vida por seu poder de radiação.

Se acrescentarmos ainda que a inclinação do eixo da terra sobre o plano da órbita numa seqüência de 23 graus, é causa determinante das estações do ano, evitando, assim, que se formem continentes de gelo nos pólos, de conseqüências catastróficas para a Teria. 50 nos resta dizer que o que aparentemente está torto, em verdade está direito e que a sabedoria de Deus constrói direito em linhas inclinadas. Quem não concordará em que esta harmonia de planos inclinados é outra maravilha do nosso Deus?

O acaso, esse argumento ridículo, pode determinar tanta beleza em atividade? O homem sensato pode crer no acaso? O acaso só existe para os espíritas obscurecidos pelo pecado, que enveredaram pela escura noite espiritual onde os aguarda o desespero.

À consciência esclarecida repugna admitir a intervenção do acaso na ordem perfeita da criação e os importunos que tentam fazê-lo, cedo ou tarde batem em retirada forçados e vencidos pelo bom senso. Onde há perfeição, aí está Deus, seja no mundo físico, moral ou espiritual. Esta é a ordem lógica que a ciência aceita e proclama como verdadeiro e nenhum sofisma terá força bastante para sobrepor-se a esta verdade. Deus. o nosso Deus foi quem determinou ao mar até aqui e não mais além, e à terra ordenou que girasse no ritmo prévia e sabiamente estabelecido; a Terra, mais obediente do que o homem, não se afastou dos planos e da ordem que recebeu do Criador; a Terra não reclama, não mente, não blasfema, não se mostra arrogante, mas obedece, e na obediência resplende a glória de Deus.

As maravilhas de Deus não estão somente na Terra; elas são tantas e tão várias; brilham e fulguram tão intensamente, entrelaçam-se numa harmonia tão significativa que a nossa inteligência, limitada como é, não pode distingui-las com perfeição nem observá-las com clareza.

Vejamos, por exemplo, o que se passa com a Lua em relação à Terra : Se a Lua estivesse a apenas 75 mil quilômetros da Terra; em vez de estar à distância em que se encontra, as marés seriam choques tremendos contra a terra e os continentes seriam tragados pelo mar. Porém quem estabeleceu ordens para a Terra cumprir, também ordenou à Lua que se conservasse onde está; a Lua como a Terra, declara a glória de Deus, numa obediência imutável de dias, meses, anos, séculos e milênios, num testemunho de fidelidade para com Deus, que o homem não foi capaz de conservar.

Não creio que o deus acaso tenha a pretensão de querer ser o autor e animador de todas as maravilhas que a ciência vem descobrindo no Universo. Isso seria pretender muito. Os advogados do acaso contentam-se com alguma coisa menos, mas eu nego-lhe tudo, em nome da perfeição e equilíbrio das leis que regem o mundo; nego, porque as estrelas com seu fulgor também o fazem; nego, porque a pureza dos lírios depõe contra ele. Nego ao acaso qualquer parcela de glória, porque na leis morais sentir-se-iam ultrajadas se lha não negasse. Nego a interferência do acaso na criação, porque as próprias plantas não admitem tal coisa. Nego ao acaso arrogar-se qualquer intervenção na vida animal, porque a espécie depõe contra ele. A existência de Deus autoriza-me a negar tolices caricaturadas de ciência.

Ficamos admirados quando os grandes sábios confessam que desconhecem as origens da vida; não sabem como ela se processa, e ignoram onde termina. Alex Carrel interpretando o sentimento do mundo científico, falou por todos, em seu livro: "O Homem, esse desconhecido". Após uma carreira brilhante e um êxito poucas vezes igualado para um homem de ciência, Carrel chegou a esta conclusão: A vida é um mistério inexplicável ao homem; o homem não se conhece a si próprio.

De fato, o homem não se conhece a si próprio; e se tal acontecesse, como pode, então, penetrar nos mistérios da origem da vida? Saberá alguém descrever-lhe os característicos? Quanto pesa a vida? Quais as suas dimensões? Onde começa? Onde termina? Apesar de tudo, a vida existe, tão exuberante e tão prodigiosa que a própria natureza lhe dedica eterna canção. O homem não pode animar a simples e minúscula folha duma árvore. Porém a vida sabe desenhá-la, dá-lhe forma, tece-lhe os nervos, determina-lhe o aroma e anima-lhe as cores.

Ao tratar da vida estamos diante de uma grande maravilha que só encontra solução e explicação cm Deus. A vida não é obra do acaso, é, sim, o labor de inimitável Artífice, é a concepção e a glorificação de Deus que a criou. Considero um sacrilégio, reputo uma profanação e classifico de crime de lesa-divindade atribuir a origem da vida à inconsciência dos átomos.

Não, as consciências esclarecidas e bem intencionadas não descem tanto, não se amesquinham de forma tão vil e abjeta, a ponto de atribuir tanta perfeição e tanto poder ao reles acaso, quando a grandeza da criação exige também um grande Criador.

Fico com a verdadeira ciência confessando que estou no alvorecer do conhecimento dos mistérios, das maravilhas e das grandezas do Universo que há no porvir, e em relação à vida que um dia nos serão revelados.

Não encontro outra explicação racional e lógica para os problemas e maravilhas que ainda estão além do conhecimento e explicação da ciência, a não ser que Deus. o nosso Deus é o Autor da vida e o consumador da fé. A razão indica a fé; a fé enche o coração da graça; a graça vem de Deus e Deus é suficiente para nos iluminar e conduzir pelas veredas da Justiça que conduzem ao céu, onde maiores e mais

esplendorosas maravilhas encantam os sentidos e deslumbram o coração, porque ali estão as realidades dos domínios da fé.

O que acima foi dito acerca da Terra e da Lua, das maravilhas em parte conhecidas, e da vida. é pouco, muito pouco comparado à vastidão do desconhecido que a matéria não pode revelar, mas que a alma podo crer, e o espírito alcançar, ao transpor a outra margem elo Rio da Vida e entrar na posse da herança eterna.

CAPITULO VI

ONDE ESTA A MORTE?

Será imprudência perguntar onde está a morte? Como se apresenta a morte? Será fácil identificar esse grande inimigo? Haverá algum lugar no mundo onde a morte não espreite a presa? Qual o lugar onde a morte não pode ferir a alma?

Há uma infinidade de respostas que se apresentam à infinidade de perguntas sobre o lugar onde está a morte; entretanto, notai bem, essas respostas nem sempre primam pela exatidão e clareza que a aflitiva pergunta exige; jamais a resposta focaliza todos os ângulos da questão da morte.

A resposta à pergunta onde está a morte varia segundo a posição e de acordo com a profissão da pessoa a quem é feita a pergunta. Para o médico, a morte está presente nos exércitos de bactérias que ameaçam continuamente a vida dos tecidos do corpo humano; uma infecção grave é a morte rondando ameaçadora. O aviador vê a morte por prisma muito diferente do médico; para os homens do ar, a morte está num desarranjo do motor ou na falta de um parafuso que determina a queda do aparelho. O botânico, se lhe perguntarem onde está a morte, não pensará em máquinas desajustadas; seu pensamento voará para as plantas que expelem ácido carbono em quantidade suficiente para intoxicar qualquer mortal. O militar, por sua vez, não pensa em plantas ao falar na morte. Para ele a morte está oculta dentro de uma granada ou de uma bala, e nesses elementos ele vê a morte avançar em cada estilhaço que voa.

O químico vê a morte no veneno concentrado que a arte de combinar drogas produz, sem ao menos lembrar-se que o turista e o alpinista apenas se lembram que a morte os espreita nos abismos e desfiladeiros que atravessam e cruzam em suas viagens.

Tudo o que aí está, representa, apenas, parte da resposta à pergunta onde está a morte física, porém a pergunta tem um alcance muito mais extenso e diz respeito à morte espiritual, muito mais importante, portanto, do que a morte da matéria.

A morte espiritual deveria preocupar mais do que a morte física: se tal acontecesse, evitaríamos o perigo de atraí-la, tal como evitamos tocar num fio condutor fie alta tensão. O desconhecimento dos problemas espirituais reflete em cheio na questão da morte espiritual e agravam sobremaneira a visão que o homem tem da morte da alma.

A morte física evita-se de muitas formas e desafia-se de várias maneiras, pela facilidade de localizá-la e escapar de cair em suas garras. Com a morte verdadeira n situação é diferente, e o homem natural carrega a morte em seus ombros.

O profeta Eliseu, em seu tempo, com um punhado de farinha afugentou a morte que estava concentrada na panela de alimento dos filhos dos profetas, mas tratava-se da morte física que o corpo experimenta e o olho localiza.

No dizer do apóstolo Tiago, a morte cavalga a própria língua que contamina todo o corpo e inflama a natureza, sendo ao mesmo tempo inflamada pelo inferno.

Sansão pereceu à mão de seus inimigos porque a língua o traiu revelando a Dalila o segredo de sua força e invencibilidade. Onde está a morte? A morte está nas tuas palavras e nos teus próprios lábios, se te não contiveres no julgamento da reputação de outrem. A calúnia que a língua lança à circulação é tão danosa quanto o mais concentrado veneno, e, por estranho que pareça, esse veneno faz como o "bumerang" usado pelos australianos, que, atirado contra o alvo, não acertando, retrocede e vitima sem piedade quem dele fêz uso.

Onde está a morte? A morte está no mau uso que fazemos da vida que devia estar a serviço de Deus e dos homens. Se a nossa conduta não produzir vida, fatalmente trará em si a morte em cada ato mal orientado. A morte aparece na vida corrupta que rejeita a santidade de Deus. Pala nas frases loucas que a irresponsabilidade lança por toda a parte. A morte destaca-se no ódio individual e coletivo que se semeia nos corações dos vizinhos ou na consciência da nação.

A morte acomoda-se sinistramente nos sistemas iníquos que aparentam justiça, mas defraudam o pobre. A morte domina onde a verdade é espezinhada e o fanatismo entronizado.

Na cátedra ou na oficina, a morte não arreda o pé, quer ter quinhão no trabalho nefando de destruir e orientar para o mal. Na igreja ou na escola, espreita e espera ser bem sucedida na tarefa de não deixar a luz do céu espargir conhecimento e saber verdadeiros e eternos nos corações.

Onde está a morte? A morte espiritual está em todos os movimentos que não tenham um objetivo louvável e construtivo ou que se oponham à manifestação da vontade de Deus nas relações com o homem ou com a natureza.

À luz da Palavra de Deus todas as obras que não levam em si um propósito consciente de amor e altruísmo, são obras mortas, quer dizer, ali a morte domina absoluta, porque a vida está ausente.

Onde está a morte? Tanto pode estar na manifestação de hipocrisia do vizinho como num acesso de ódio do teu coração. O homicídio não é somente o ato de tirar a vida física ao semelhante. Há outra forma de homicídio, o homicídio espiritual, que não mata o corpo, mas impede, de muitas e várias maneiras, que a alma se aproxime de Deus e faz com que o espírito se aprofunde nas trevas do mal. A morte dorme contigo, acorda ao teu lado, senta-se contigo à mesa. Voa até onde puderes porque a morte irá contigo; onde poderes ir, ela também irá.

Só há um lugar onde a morte não está. Esse lugar é o céu, e, conseqüentemente, aqueles que estão escondidos com Cristo em Deus, não provarão o aguilhão desse monstro que tudo devora. O corpo pode tombar vítima das conseqüências do pecado, porém a alma redimida pelo sangue do Cordeiro passa incólume pelos laços dessa intrusa que está em toda a parte, menos nos domínios da fé.

CAPITULO VII

LUTA, SE QUERES VIVER

Que esperais encontrar na estrada da vida cristã? Flores? Glória? Honra? Riqueza? Bem estar? Acaso pensais que, na frente de batalha há perene alegria e banquetes sem fim? Não sabeis que os cristãos são soldados do Senhor, e que como soldados tem que lutar para viver? Quem vos apontou este mundo como recanto de paz? Se ainda não percebestes a vossa condição despertai e vede que estais em pleno campo de luta espiritual, onde se fere a gigantesca batalha entre as forças do mal e os exércitos do Senhor, e que a única alternativa é lutar a tempo e fora de tempo para alcançar a coroa da vida.

Lutar para viver, aceitar o desafio com altivez e enfrentar os perigos da jornada foi a tarefa imposta à Igreja do Senhor em todos os tempos. Lembrai-vos de que o povo de Deus nos primeiros séculos teve as catacumbas por moradas, a fim de poder sobreviver. Aceitou o desafio dos inimigos, não capitulou ao primeiro decreto de um rei ímpio. Guardou a fé. Preferiu carregar a cruz da perseguição a fazer negócios de Judas. Escolheu a senda espinhosa e agreste do desprezo, a um conluio ímpio e satânico. Corajosamente atirou-se à luta para vencer e, vencendo, viveu.

Acaso o Evangelho não declara quão grandes são os perigos, as desvantagens materiais e os sofrimentos a que estão expostos os seguidores de Jesus? Que prometeu Jesus aos discípulos que desejassem segui-lo? Acenou-lhes com vantagens ou apontou-lhes a cruz?

Percorrei a história da verdadeira Igreja e vereis, a cada passo, que os santos jamais tiveram tréguas prolongadas. O mundo, o Diabo e a carne jamais oferecem armistício aos salvos. Entrai nas Catacumbas e tereis uma visão clara do que foi a tremenda batalha da fé; parai diante dos sarcófagos e sentireis que ali repousam heróis que lutaram e venceram; sentai-vos nas salas subterrâneas em que se reunia esse povo e respirareis santidade que ficou por herança. Se tocardes qualquer objeto que haja pertencido a esses heróis, sentir-vos-eis inspirados a imitá-los, a lutar para viver como cristãos dignos da vocação que recebestes.

Mas não foi somente nos dias da primitiva Igreja que a fé brilhou, valorosa e robusta, impondo admiração ante as ameaças dos poderes apóstatas!

Ao tempo da Reforma, quando um gesto ou uma palavra a favor do verdadeiro Cristianismo representava ser encarcerado, condenado à morte, desterrado, ou ser destituído de cargos de confiança, tratando-se de governadores de Estados, Condados ou Províncias, nesse período, Deus também teve testemunhas que não dobraram seus joelhos diante de Baal.

Entre os muitos casos em que a fé agigantou-se, brilhou e ateou fogo nos corações, citemos apenas como se portaram alguns Príncipes

cristãos: O imperador Carlos V dominava a Alemanha e grande parte da Europa, e era por todos temido e obedecido, pois linha o apoio do papa. Vários Príncipes alemães haviam abraçado a Reforma, creram na pureza do Evangelho e na suficiência de Cristo como Salvador.

Isto não agradava ao imperador e seus aliados, que tudo fazia para impedir a luz do Evangelho. Certo dia o imperador recebeu os Príncipes protestantes numa conferência particular e pediu-lhes que impusessem silêncio aos capelães evangélicos que celebravam cultos públicos. Dentre os Príncipes, levantou-se o velho Mal-grave de Brandenburg que avançou alguns passos para o imperador, e num gesto que denotava disposição e energia, levou as mãos ao pescoço, e, inclinando-se, disse: "Era mais fácil a minha cabeça rolar aos pés de Vossa Majestade do que eu privar-me da Palavra de Deus e negar a meu Senhor".

Imaginai o efeito que tiveram estas palavras diante do imperador e de outros Príncipes. Conclui quanta coragem o Espírito Santo dá ao coração que se dispõe a lutar pelo céu. Homens desta tempera que amam a Deus mais do que a própria vida, que não se acomodam ante os interesses nem se acobardam diante dos, poderosos, são os que lutam e vencem. Qualquer que não colocar sua vida no altar do sacrifício e da renúncia, para ser oferecida, se necessário for, não alcançará as píncaros alcandorados da graça, onde se preparam os guerreiros que lutam para viver e vencer.

A Reforma deu-nos grande número desses homens. Pena é que a sua história não seja conhecida em todo o mundo evangélico, pois são páginas de heroísmo que arrebatam e atos de amor que sensibilizam.

Outro Príncipe contemporâneo da Reforma, o Eleitor da Saxônia, o qual abraçou a fé evangélica, foi aconselhado a não assinar a Confissão, para evitar atritos e desgostos aos amigos. Porém o nobre Príncipe, foi nobre também na resposta, quando afirmou: "Estou disposto a fazer o que for justo, sem me importar com a minha coroa. Estou decidido a adorar, a honrar e a servir ao Senhor. Para mim, o Senhor vale mais do que todas as coroas da Europa. Deixarei atrás de mim, talvez, ondas de minha humanidade, porém uma coisa é certa: A graça «de Jesus Cristo me levará ao céu."

Quando a vida espiritual está em contato com Deus e luta com Deus e para Deus, não há inimigos fortes. Até os demônios fogem espavoridos, ante a decisão da alma que prometeu fidelidade a Jeová. O que acima escrevemos sobre a decisão nobre e corajosa do Eleitor da Saxonia, foi completada pela seguinte declaração, ao assinar o documento, quando afirmou perante todos: "Vou assinar este documento na presença dos representantes do Império. Se meu Deus. requer isto de mim, estou disposto a deixar tudo para alcançar uma coroa imortal. Renunciaria a meus súditos e perderia meu Estado; preferia ganhar a vida limpando sapatos de estranhos a deixar de assinar este documento que contém os fundamentos da salvação para todos."

Qual o inimigo que não vacila e não teme ante declaração tão positiva é tão enfática de lutar confiado em Quem fez vitoriosas os

santos quando enfrentaram as feras, os reis, os tiranos e os demônios?

Mais um fato para tornar ainda mais claro o assunto: todos os estudiosos sabem como os Huguenotes (o povo evangélico) foram tratados na França e não desconhecem a culminância da perseguição, na célebre noite de São Bartolomeu quando, no dizer de Sully, primeiro ministro de Henrique IV, foram massacrados, só em Paris, cerca de 70 mil protestantes.

Quando a conspiração havia alcançado o clímax, sendo já público e notório que o povo de Deus estava à mercê de um governo de homens ímpios, o Almirante Colingy, líder dos protestantes, foi convidado a ir à Côrte.

Seus amigos rogaram-lhe que não fosse, pois ir, equivalia a entregar-se às mãos dos inimigos. Mas Coligny tinha consigo o Deus de Jacó e assim respondeu: "Prefiro morrer mil vezes a, por urna indevida solicitude pela minha vida, dar ocasião a que se avente uma suspeita em todo o reino".

Com caracteres deste quilate, Deus pode fazer muito sobre a terra; com homens armados com esta fé, o cristianismo será honrado. Com soldados como este, o inferno tem muito a perder e o céu muito a ganhar.

CAPITULO VIII

LÍRIOS NO CHARCO

Sabes como crescem os lírios? Conheces a espontaneidade de seu desenvolvimento? Descobriste a razão de sua inalterável beleza? Penetraste no segredo que o conserva alvo entre o negrume?

Há um grande mistério na vida dos lírios que crescem no charco, e elevam-se nos monturos sem comprometerem sua beleza e sem mancharem sua alvura, assim como há também um mistério na vida daqueles que, tirados do charco moral, refletem em sua vida a beleza de Cristo e a alvura de Deus, após aceitarem o Evangelho.

Há um princípio misterioso que se chama o princípios da vida, onde há segredos que nenhuma ciência pode explicar. A ciência pode fazer uma semente artificial, semelhante na forma à semente natural. Pode medir a quantidade de hidrogênio, de carbono e nitrogênio d*a* semente natural. Pode incluir a mesma quantidade desses elementos na semente artificial porém, plantando as duas sementes, só uma brotará da terra, porque nela está o princípio da vida que a outra não contém.

Que a semente brota da terra pelo princípio vivo que Deus estabeleceu, é um fato muito expressivo. Constatai que os lírios imergem dos charcos sem comprometerem sua beleza é um acontecimento de transcendental interesse, mas constatar que vidas arruinadas pelo pecado, imergiram do charco e foram revestidas de dons do Espírito, merece também a atenção do mundo, por se tratar de milagres que Deus operou em todos os tempos.

É verdade que o coração humano não entende esse princípio, não crê em*Deus para receber altos favores, porém o princípio que Deus estabeleceu quer na ordem física quer na ordem espiritual, continua inalterável, porque pertence aos domínios da fé.

Se alguém dissesse aos Judeus, no tempo de Jesus, que de Nazaré sairia um Príncipe de Israel, todos se escandalizariam. Nazaré adquiriu má fama não só pela singularidade de fala e maneiras de seus habitantes, mas principalmente pelo relaxamento dos costumes e pela corrupção da vida do povo. Em Nazaré havia falta de caráter e de temor a Deus, e bem podíamos dizer que Nazaré era um charco moral. Natanael admirou-se de que alguma coisa boa proviesse de Nazaré, Pois bem, foi ali que viçou o mais puro e o mais belo Lírio que a terra já conheceu, o Lírio cuja fragrância perdura pelos séculos e enche a terra de santidade, o Lírio que dá beleza a todos os vales cujo nome é Jesus.

Nenhum outro lírio merece ser chamado o Lírio dos vaies, a não ser o Lírio que cresceu no charco de Nazaré, brilhou no mundo e subiu ao céu. Outros lírios viveram e brilharam ostentando a mesma realeza, confirmando a lei da pureza que Deus estabeleceu na espécie, mas nenhum outro igualou o Filho de Deus.

Vejamos algumas lições da vida de alguns lírios de menor grandeza do que O Lírio dos vales que a Bíblia menciona, isto é, de homens que viveram hostilizados pela inveja, cúbica e concupiscência. Um destes lírios brotou nas planícies da Galiléia. Como todos os lírios destacava-se das flores comuns que o rodeavam, conservando sua beleza e visão do Criador. Porém um dia, a inveja instigou as flores comuns contra o lírio e a conspiração atirou-o ao charco, foi levado ao monturo.

Ali, por não querer manchar sua beleza, foi posto na prisão, mas o lírio é sempre lírio, e até na prisão brilhou para Deus.

Todos conhecem a história de José, filho do patriarca Jacó, o qual levado como escravo ao Egito, ali, naquele charco, foi tentado a macular sua consciência, porem a virtude elevou-se acima do lodo pútrido, e o seu caráter não sofreu arranhões.

A lama não fez pouso nas vestes níveas da formosa flor. Mesmo no cárcere o lírio cresceu, floriu, derramou beleza e saber. O aroma e a fama transpuseram as grades, chegaram ao trono de Faraó, o qual ficou extasiado ante o poder e a grandeza dessa flor. O lírio saneou o charco, governou sem humilhar, amou sem ferir e a bênção veio sobre a terra.

Todos aqueles a quem Jesus salvou estão colocados no mundo como lírios num charco. A vida abundante de graça que é outorgada aos salvos, pela fé que justifica, embeleza os pantanais e causa admiração àqueles cujas vestes estão manchadas pelo lodo do pecado, isto é pelos costumes do mundo.

O homem salvo por Cristo, tal como o lírio, na campina ou na estufa, na planície ou no charco, conserva a alvura da santificação que glorifica a Quem os lírios plantou. Os lírios, como todas as coisas belas, tem *a* sua missão, foram criados para adornar os campos, deslumbrar os olhos, alegrar os sentidos e, sobretudo, para enaltecer a Deus. Jesus sentiu a atração e o fascínio que os lírios oferecem e foi dos lírios que Êle se serviu para mostrar que a glória do rei mais poderoso da terra não excede a beleza dos lírios que florescem nas campinas.

No sentido moral, até certo ponto, o mundo *ê* um charco, mas os cristãos não são do mundo; vivem no mundo, mas o mundo não vive neles. São lírios que vivem no charco cuja beleza espiritual refulge e deslumbra sem ser atingida pelo pecado.

A missão do lírio é refletir a pureza que o princípio da espécie lhe outorgou. A missão do Cristão, embora em ambiente adverso, é brilhar e ser uma inspiração para o mundo e um exemplo para aqueles que rastejam no lodo, a fim de que se elevem até onde há luz e santidade do Senhor.

O princípio da espécie espiritual é crescer no charco sem contaminar as vestes de justiça que Cristo nos deu para viver *nos* domínios da fé.

CAPITULO IX

FRUTOS DE SALVAÇÃO

A *lei* que determina cada qual, segundo a sua espécie não foi feita somente para o reino animal ou para qualquer dos três reinos da natureza que nós conhecemos. A sua aplicação vai até ao quarto reino ou seja o reino espiritual, e neste, como nos outros, qualquer pessoa, conhecerá que espécie de vida tem diante de si e se essa vida corresponde a natureza que lhe foi determinada.

Na vida de salvação, como na vida das plantas ou dos animais, o fruto determina a espécie, mostra a qualidade e indica a origem. Da vida de fé que se vive em Deus, deve resplandescer a formosura inerente à espécie espiritual da vida, isto é, o fulgor divino deve aparecer.

Não é possível ser salvo e não mostrar frutos de salvação. Deus não aceita imitações em Sua obra. A vida de Jesus no coração determina que haja salvação transbordando e louvando a Deus.

A comunhão com Deus produz frutos que nenhuma amizade e nenhum compêndio podem determinar. O contato com o céu deixa a fragrância de santidade na vida do salvo. Se tal não acontecer, alguma anormalidade está impedindo que os frutos apareçam, que ostentem sua beleza e indiquem sua origem.

É assim que acontece na vida material. O homem do campo traz em suas vestes os resquícios da terra que cultiva, e isso fica-lhe muito bem, é muito próprio, aponta a espécie de seu ofício. Em algumas cidades da França, onde há fábricas de perfumes e essências, os perfumistas são conhecidos nas ruas por causa do odor que se desprende de suas vestes. O perfume é parte integrante da ocupação do perfumista, e por isso acompanha-o por toda a parte.

O homem salvo que vive em comunhão com Deus, pode não ser de grande estatura, mas deve refletir a formosura e a santidade de Cristo. Se há beleza em Cristo, essa beleza deve fulgurar nas atividades daqueles que receberam essa vida. A beleza de Cristo não são os atrativos comuns que adornam os corpos daqueles que se preocupam com a moda e a elegância, mas são frutos de santidade e pureza que brilham na mais densa escuridão. A beleza de Cristo deve acompanhar o cristão como sinal de sua vocação. Tochas incandescentes de amor e de abnegação, são necessárias na vida de salvação.

O lado prático da vida de fé, exige que os frutos da salvação não sejam apenas qualidades abstratas ou qualificações morais que se ostentem aqui ou ali sem uma intervenção direta e positiva na vida presente. Jesus Cristo é uma realidade. O Cristianismo é um fato de grande transcendência. Os cristãos são testemunhas de salvação que há em Jesus. A vida de fé tem que corresponder às realidades vivas, apresentando frutos concretos que indiquem que em seu interior há salvação.

Assim aconteceu com Zaqueu, quando Jesus entrou em sua casa, e determinou restituir quadruplicado. A ação de restituir, era a salvação produzindo frutos. Zaqueu mostrou estes frutos, e nós somos chamados a possuí-los em nossas vidas.

A salvação é vida de Deus onde os frutos aparecem acentuadamente em razão da existência da mesma vida. Quem produz os frutos é a salvação. A vida de salvação substitui a vida de pecado.

Um fato que ilustra o assunto é o seguinte: Nos primeiros anos do atual despertamento pentecostal, numa cidade da América do Norte, um jovem filho de um fazendeiro foi salvo. Este jovem, antes de ser crente sofria de cleptomania, isto é, possuía o mau costume de lançar mão de qualquer objeto que lhe agradasse sem conhecimento do dono. Os médicos afirmam que não há remédio para este vício de mau gosto. Pois bem, este jovem foi salvo e batizado com o Espírito Santo. Quando isso aconteceu, Deus falou ao seu coração acerca do mal praticado e disse-lhe: Vai, confessa a tua culpa aqui e ali; paga o dano que cometeste. Duro, muito duro, procurar os negociantes lesados e confessar-lhes o que havia feito, e restituir-lhes o valor dos danos praticados. O homem natural não é capaz de tomar atitude tão corajosa, tão acertada e tão justa, de reparar faltas cometidas, mas quando a salvação entra no coração, quando o Espírito Santo domina a vida, quando Cristo é Rei e Senhor, então forçosamente aparecem os frutos de salvação.

Quando o moço de que falamos se apresentou às pessoas a quem havia prejudicado, e lhes explicou seus propósitos de restituir o que havia levado ilicitamente, e qual o motivo determinante dessa atitude, todos ficaram atônitos e comovidos. Atônitos porque jamais tinham visto coisa semelhante; comovidos, porque estavam diante de um fato que só a salvação é capaz de produzir. A atitude do jovem eram os frutos da salvação que brotavam da vida que o Espírito Santo havia trazido do céu.

Em verdade a salvação produz frutos e vidas tão nobres, abnegadas e consagradas que nem mesmo a ciência pode explicar como tais verdades se realizam. É indiscutível que os frutos existem, porém como se processa o milagre da transformação do coração não pertence ao homem revelá-lo, são mistérios que pertencem aos domínios da fé, são atos que a razão não pode esclarecer, porque são frutos da salvação.

CAPITULO X

VOLTA AO LUGAR DA QUEDA

Nenhuma força conseguirá iludir a onisciência de Deus; nenhum disfarce mudará a atitude de Jeová em relação ao pecado. A Igreja ou o indivíduo que tropeçou ou caiu, e se conformou com a queda, precisa erguer-se, e voltar ao lugar feliz de outrora, mas é necessário fazê-lo já e sem demora.

A Igreja, como comunidade responsável diante de Deus, precisa conhecer se está caída ou se tem vida. Nada de lisonjas ou artifícios; nada de narcóticos ou entorpecentes que enganam e matam. As cifras não podem indicar o grau de espiritualidade, não devem substituir o fervor; o avanço da Igreja não pode constar de número, mas deve aferir-se pelo grau de santidade.

A vida da Igreja primitiva não constava dessas frivolidades que se estabeleceram na Igreja de nossos dias, tomando o lugar da oração, do fervor, do testemunho pessoal, do zelo pelas almas sem Cristo que se movem quais ovelhas sem pastor. Nenhuma organização, na igreja, poderá substituir as reuniões de oração; a Igreja necessita que seus membros s-e unam na vida de comunhão e consagração, em lugar de reuniões sociais, simples formas de gastar o tempo.

A Igreja, se quiser sobreviver e triunfar deve apresentar a mensagem viva e poderosa ao povo. O povo reclama mensagem positiva que o satisfaça: pede que se lhe preguem a verdade. O programa das Igrejas modernas, não é o programa da Igreja primitiva, e por esse motivo há falta de sal na mensagem, falta de inspiração, as conversões não estão na proporção do progresso do mundo. A vida da Igreja não parece ser muito abundante, alguma falha atrofiou o progresso; talvez tenha caído. Se for assim, volta ao lugar de onde caiste, reinicia a jornada da fé, tendo por exemplo o testemunho dos primeiros cristãos, suas reuniões de oração e testemunho, das quais todos eles participavam e compartilhavam das experiências da vida com Deus.

Se a Igreja contemporânea não possuir essa força motriz, esses grupos que oram e recebem vida, jamais se erguerá do estado letárgico em que permanece, sentindo que não tem força para vencer, mas recusando levantar-se .

O testemunho vivo, individual e coletivo, do poder de Cristo para salvar e dar poder para vencer, são ele mentos necessários na vida da Igreja. É necessário readquirir o resplendor da fé que iluminava a Igreja na antigüidade. A simples confissão de ser crente, não fará crescer e desenvolver os raquíticos e anêmicos que se acostumaram a viver de bênçãos passadas, e esqueceram as glórias sempre frescas e novas do cristianismo.

A Igreja, seja em que lugar fôr, no passado ou no presente, se não entrar na experiência do Pentecostes. pouco terá a dizer ao mundo, não abalará o indiferentismo do povo, não conseguirá interessá-lo, não o levará ao arrependimento e, por fim, a ter sede de salvação.

A tibieza da religião de hoje, contrasta com o fervor dos dias apostólicos; a falta de visão que se nota na Igreja de hoje, está muito aquém da revelação de Paulo e da atividade dos outros apóstolos.

Nada de meios termos que eclipsem a personalidade e suficiência de Jesus. O homem precisa ser colocado diante de Deus, para ver o resplendor de sua glória, para conhecer que é pecador e ser salvo por Jesus. Este era o método da Igreja primitiva; será também o nosso? Estamos mantendo o testemunho dos nossos antepassados-?

A tendência da Igreja de nossos dias é para esquecer a herança preciosa que a Igreja apostólica deixou, e tomar para si sucedâneos que não satisfazem a alma nem curam o espírito.

A Igreja primitiva talvez não se preocupasse muito com o número ou com a quantidade de membros, mas esforçava-se em possuir homens e mulheres que fossem testemunhas vivas, cujas vidas ardessem de zelo pela obra de evangelização, pois com testemunhas inspiradas, a Igreja tem que brilhar nas trevas e crescer no amor. Na fidelidade a Deus e na consagração à obra de Cristo, reside o profundo segredo da vitória da Igreja.

Hoje em dia, há muita teologia, mas a Igreja precisa mais de doutrina, do que de interpretação. A pregação de hoje não é fla tocha profético-apostólica que elevou a Igreja no conceito de seus inimigos, pela fidelidade de suas doutrinas que só a fé pode conceber.

A doutrina da justificação pela fé parece esquecida; entretanto, é doutrina que faz tremer até os demônios. Não será tão agradável como a doutrina das boas obras, porém, é mais eloqüente, mais racional, *é* bíblica e divina.

O novo nascimento é doutrina que muitos não conhecem nem querem conhecer; nascer de novo é uma condição para entrar no céu; como pois lançar ao esquecimento conquistas e vitórias da Igreja antiga? Não; quem não está integrado nas verdades reveladas e imutáveis, volte ao lugar da queda, entre na estrada pela porta, se quiser alcançar e viver nos domínios da fé.

Cristianismo que não fala de salvação completa, real, presente e ativa, não merece esse nome: simples promessa de libertação parcial, não inclui livramento total, resgate absoluto e permanente,

Nem o mundo espera outra mensagem da Igreja, a não ser salvação, salvação, salvação em Cristo.

CAPITULO XI

OS SERMÕES DE SOFIA

Na cidade de Nova-Iorque todos conheciam Sofia; não era pessoa de destaque na sociedade americana, era uma simples lavadeira, porém as suas relações alcançavam muito longe, era conhecida no céu.

Há pessoas que Deus pode usar para Sua glória, e Sofia era uma dessas que faziam das ocupações diárias um motivo para servir a Deus e ao próximo. Com o produto de seu trabalho de lavar roupa, sustentava um missionário na África, conforme lereis adiante, e ainda lhe sobrava tempo para ir até aos lugares mais escusos da grande cidade, a fim de poder falar da salvação aos perdidos e muitos deles foram salvos por Jesus.

Não cursou Seminários ou Escolas Bíblicas, mas fêz proveitoso estágio aos pés do Mestre, valendo-lhe essa circunstância estar sempre cheia do Espírito Santo. Seus sermões não são eloqüentes pregações, não vão além de curtos diálogos que se descrevem em poucas linhas, porém demonstram que a sua vida era uma pregação constante e espontânea, mais convincente e mais luminosa do que a mais perfeita homília e o mais casto discurso; não pregava à igreja, mas inspirava o pastor a pregar, talava aos perdidos, evangelizava os pagãos e alegrava os gentios.

Quem mais diretamente fruía as pregações de Sofia, foi o pastor da igreja a que ela pertencia, o qual era o conhecido pastor M. Simpsom. M. Simpsom anotou experiências, observou diretrizes e guardou exemplos da vida de Sofia, que são verdadeiras jóias, sermões em miniatura a espelhar o zelo que a salvação produz.

Deixemos agora que M. Simpsom nos diga alguma coisa da vida de Sofia. Ouçamo-lo: "É com grande prazer e muito proveito que ouço os sermões de Sofia, os quais coloco diante dos leitores, pedindo a Deus que os torne uma bênção para todos. Conheço Sofia há muito tempo; os anos que já se foram não conseguiram alterar sua fisionomia, pois seu rosto conserva sempre a mesma alegria e o mesmo gozo. Certo dia fiz-lhe esta pergunta: "Sofia, vejo que passas bem, pois tens boa aparência, e estás mais gorda". — "Sim — respondeu Sofia — a religião de Jesus Cristo não é uma religião magra como alguns pensam. Eu almoço amor, janto alegria e ceio paz. O ano passado não comprei um só quilo de carne (mas no fim do ano, eu pesava mais 13 quilos, e com as economias que consegui juntar, sustento um Missionário na África.."

Eis aí um dos sermões de Sofia, e que eloqüência distila, se quisermos comentá-lo e aplicá-lo à nossa vida.

Cristãos, podeis dizer que a vossa primeira refeição do dia é composta de amor? A segunda será alegria? e a vossa terceira refeição será paz? Que significação e que alcance tem estas palavras? Se a primeira, a segunda e a terceira horas do dia são horas de amor, alegria e paz, quer dizer que todo o tempo é consagrado a Deus, não há lugar para desagradar ao Senhor, não há vaga para o pecado.

Mas vamos ler ainda o que M. Simpsom escreveu: "Por que trabalhas tanto, Sofia?" — "Oh. conheceis bem que minha vocação *é* lavar e pregar. Nasci para pregadora, mas como sou pobre, aprendi a trabalhar. Há pessoas que dizem ser inteiramente consagradas a Deus, mas jamais consagram suas mãos ao trabalho; não contribuem para enviar um obreiro ao campo da missão. Eu quero imitar Jesus. Êle trabalhou, não se envergonhou de trabalhar. Se as minhas mãos endurecerem e se tornarem rudes à força de tocar no meu piano (era assim que ela tratava a tábua de lavar roupa), ainda assim direi que elas são como as de Jesus, trabalho para mim e para o Senhor. Trabalho tanto que às vezes sinto dores nas costas; mas que importa, que é isso comparado com a vida de Jó?"

São assim os sermões de Sofia; não são eloqüentes, mas são uma resposta e um desafio ao cristianismo e aos cristãos improdutivos que vivem mais de palavras do que de ações e poder.

Ouçamos o terceiro sermão: "Certa senhora para quem lavo roupa, muito convencida de sua própria suficiência, para galhofar de mim perguntou-me: Sofia, queres ser minha lavadeira no céu? Minha senhora, respondi, no céu não entram impurezas, e se deseja entrar no céu, trate de lavar-se no sangue de Jesus, antes de ir para lá. Esta senhora está sempre agitada e tem sempre alguma coisa a dizer sobre o seu "Eu", mas eu gozo paz e tranqüilidade e explico-lhe que eu também viajei nesse trem que se chama "suficiência própria" até chegar ao que está escrito no cap. 7 da Epístola aos Romanos, mas ali, iluminada pela graça de Deus, desembarquei para instalar-me na Avenida Ações de Graças. Agora o meu trem é outro, parte do cap. 8 da Epístola aos Romanos, onde não há condenação. Jesus é o Condutor deste trem, e não há perigo de colidir com outro trem."

Não sei se os cristãos de hoje poderão responder com tanta sabedoria e eficácia aos sofismas daqueles que recusam viver na graça e depender inteiramente de Cristo, mas Sofia conhecia quanta paz desfrutam os que descansam em Cristo.

Continuemos a ler outro sermão: "Certa vez alguém me disse que não há vida futura. — Bem, respondi: se não há vida futura ou gozo futuro, há um "presente" brilhante e repleto de gozo para aqueles que fazem a vontade de Deus, os quais tem seu deleite em viver na retidão. A pessoa que me fêz tal pergunta, acrescentou ainda esta: Que preferias possuir j uma consciência impura e um milhão de dólares ou a consciência tranqüila sem o milhão? A minha resposta foi esta: Tenho a consciência tranqüila, e sou filha de um milionário, e ser filha de um milionário é melhor do que possuir um milhão na carteira; o filho de um milionário, quando precisa de alguma coisa, é só dizer: Pai, preciso deste ou daquele objeto, e é atendido. A carteira pode ser furtada do bolso, mas a graça ninguém ma rouba do coração".

Vede com que certeza objetiva o salvo responde *hs* objeções estultas dos descrentes, quando vive nos passos de Jesus. É este o caso de Sofia, no sermão que acabais de ler.

Mas a lista de sermões ainda não está completa, leiamos mais alguns: "Certa noite cheguei atrasada à igreja; quando ia para entrar,

um indivíduo tendo um cigarro na boca aproximou-se de mim e disse: Quer que a acompanhe? Não — respondi — Jesus Cristo está comigo e isso é suficiente. Oh, desculpe-me, disse o estranho, mas a senhora não é a pessoa que eu procuro. — Bem, respondi, mas o senhor é a pessoa que eu procuro. Tenho o seu nome aqui neste livro.

— Tem o meu nome no seu livro? Sim, tenho-o. Mas de que se trata? perguntou êle. — Abri a minha Bíblia e disse-lhe: seu nome é Pecador, e estará completamente perdido, a não ser que aceite Jesus.

— Bem, desculpe-me, minha senhora, tenho pressa. — O senhor faria bem se tivesse pressa de encontrar-se com o Salvador.

— Mais uma vez peço-lhe desculpa, e aqui tem um dólar para ajudar os pobres. Apanhou o chapéu e saiu."

Qual de nós, querido leitor, teria transformado uma situação imprevista e embaraçosa em um motivo da louvor a Deus? Confesso que não são todos os que se nomeiam cristãos que estão preparados para dar brilho a semelhante cena.

Mais um sermão da série, e terminaremos o assunto :

"Certa vez conheci um crente que desejava ardentemente partir para a África a evangelizar os pagãos; as Missões não queriam enviá-lo. Este crente estava cheio do Espírito Santo e transbordava de amor para com as almas perdidas; mas os dirigentes da Missão achavam que ele era muito idoso e, além disso, diziam que faltavam recursos.

Foi então que Deus fez o que as missões não quiseram fazer: Um dia ouvi a voz do Senhor que dizia: — "Sofia, farei com que tenhas muita freguesia e ganharás bem de forma que ajudarás esse crente a ir à África. As missões recusam-se ;t enviá-lo, m«s a tua tábua de lavar roupa o enviará."

"Até hoje a tábua de lavar roupa ainda supre as suas necessidades, e, o que é importante. Deus abençoou muito o trabalho deste crente, o qual tem sido fiel no trabalho de levar almas a Cristo. Após algum tempo, havia ali uma igreja.

Passado algum tempo o Senhor falou-me ainda uma vez acerca deste obreiro, dizendo: "O missionário na África necessita um harmônio; ele não tem qualquer Missão que o sustente e que lho ofereça; conta somente com a tua tábua de lavar. Aumentarei o número de teus fregueses e dentro de trinta dias ganharás o suficiente para comprá-lo". Assim aconteceu e o harmonio foi para a África.

Agora quando toco o meu piano (a tábua de lavar), penso que na África estão tocando o harmonio. Quando me sinto cansada, parece-me ouvir o lindo som do instrumento e penso na alegria que isso dá aos pobres pagãos que se deleitam com as harmonias que o harmonio lhes oferece.

O último sermão é uma advertência a todos nós que pouco ou nada estamos fazendo a favor das missões, longe ou perto, dentro ou fora da pátria.

Aí ficam os sermões de Sofia para que os leitores os comentem e os apliquem a vida diária, conferindo se eles estão sendo vividos para glória de nosso Deus.

CAPITULO XII

TEMPO DE INVENTÁRIO

Que o coração do homem é enganoso, é um fato conhecido, proclamado e provado, em todos os tempos. Sempre desconfiei do coração dos outros, sem jamais supor que o meu fosse capaz de me trair tantas vezes. As palavras *"examinai-vos a vós mesmos"* sempre tiveram em mim uma aplicação muito restrita e superficial. O coração não deseja que se faça um exame em ordem, sem pressa, criterioso, justo, imparcial, capaz de lhe condenar os próprios atos e pensamentos e de lhe mostrar a negligência e a pouca importância em que tem as coisas de Deus.

O coração não se conforma com a humildade; sempre quer demonstrar possuir maiores e melhores qualidades do que as que realmente possui. Quer fazer crer aos outros, que já fêz muita coisa útil; quer mostrar que fêz mais do que devia fazer, mais do que estava em seu alcance executar. O homem, quase sempre, é vítima do próprio coração que é enganoso e mau. Confesso que tenho sido vítima do meu próprio coração, pois tenho confiado, demasiadamente, no coração enganoso.

Tenho corrido risco de chegar à beira da falência espiritual. Mas, a voz do Espírito Santo não cessa de avisar, de mostrar, de aconselhar e do prevenir dos perigos que existem em confiar no "eu".

Agora chegou o momento de fazer um inventário espiritual, mesmo contra a vontade do meu coração, para saber se há perdas ou ganhos na vida que vivo com Deus. Quero verificar se tenho falhado ou se tenho correspondido às possibilidades que o Senhor tem posto ao meu alcance.

Preciso saber se sou rico na fé ou pobre na graça. Necessito ter a certeza se posso continuar com o mesmo método de vida, como até aqui, ou se devo dar novo rumo ao meu barco. Depois de examinar os pontos de que tenho falado, devo dizer se estou ou não em falta para com Deus.

Embora eu pense que tenho feito alguma coisa digna e nobre, vejo que tenho fracassado em relação às possibilidades, em relação ao muito que podia ter feito t não o fiz. Não tenho aproveitado o tempo de que disponho para fazer algo de útil pelos pecadores. Se algum esforço mostrei, talvez haja sido feito por interesse ou por egoismo, por isso, considero tudo um trabalho nulo, para constar no inventário. Na minha convivência com 08 homens, nem sempre a luz de Cristo brilhou, como devia brilhar. Nem sempre tenho falado do amor de Deus, como devia falar. Não tenho contado a todos o que Jesus tem feito por mim; portanto sou faltoso diante de Deus. Não tenho saldo a meu favor.

No meu trato com os irmãos, a minha atitude nem sempre tem correspondido à amizade cristã. Não tenho mostrado o verdadeiro amor fraternal. Tenho sido indiferente para com os santos, não tenho participado de suas aflições. Não raro tenho murmurado contra a

conduta de alguns, em vez de os ajudar, com as orações. Nem aqui eu tenho sido um exemplo cristão. Portanto nada posso creditar, para somar como lucro, no inventário espiritual.

Nas minhas obrigações para com Deus, embora a voz do coração enganoso se eleve acima de outras vozes, dizendo que tenho alcançado êxito, eu sei que não tenho aproveitado todas as oportunidades para fazer obras melhores do que tenho feito.

Não hei cumprido, fielmente, a promessa que fiz de, em tudo, executar a Sua vontade, pois muitas vezes tenho feito a minha.

Nem sempre sou coerente na minha vida. A minha fé tem sido pouca e muito fraca. Em muitos casos, a ingratidão tem se manifestado, quando eu devia dar graças e não o fiz. Tenho procurado fugir ao dever de trabalhar para o engrandecimento do Seu Reino. Não tenho amado o Seu nome mais do que todas as coisas. Muitas vezes tomei para mim a glória que a Ele pertence. Os meus ouvidos não tem estado atentos para ouvir a Sua voz. Tenho pensado mais nos meus interesses particulares do que nos negócios do Reino. Não tenho dito amém a toda a Sua vontade. Ainda, aqui, não vejo capital para colocar na coluna de lucros de meu inventário. A continuar assim, só me espera a bancarrota espiritual.

É preciso, portanto, dar nova orientação aos negócios, adquirir novos valores, traçar novas normas para a vida e novos métodos de operar. Não basta ouvir a voz do coração, quando diz: rico sou. É necessário possuir dinheiro do céu, isto é, a fé viva, pois a fé é a única moeda de valor que tem curso no Reino de Deus. Para escapar à falência, tenho que recorrer a Deus, e negociar com moeda e artigos dos céus.

De hoje em diante quero fazer contínuo inventário, nos meus negócios e na minha vida, para não chegar à falência, à miséria, ao descrédito e à ruina espiritual.

Irmão, qual é a tua condição espiritual nesse sentido? Tens feito inventário completo em tua vida? O balanço acusa saldo ou "déficit", Tens confiado mais no coração enganoso do que na vontade de Deus? Queres, agora, iniciar novos negócios, nova vida, vida de inventário espiritual?

Amigo, vês o perigo em que correm as que têm seus negocias mal dirigidos, aqueles que confiam mais em si próprios do que em Deus? Não vês quão pouco valor têm, diante de Deus as nossas obras, os nossos esforços e o nosso saber? Queres continuar a confiar no esforço próprio, no coração enganoso, ou queres confiar era Deus?

CAPITULO XIII

CRISTÃOS DE ONTEM E DE HOJE

Antigamente no Brasil os evangélicos eram denominados *"Bíblias"*. Esse tratamento, sem dúvida, vinha-lhes em virtude de viverem o Evangelho. O seu testemunho era tão convincente que o mundo atestava estar diante de uma "Bíblia".

Não importava, naqueles dias, que o apelido ou nome lhes fosse dado ou imposto por desdém ou em lugar de cruz; o que importava era que o mundo lesse nas vidas dos salvos o que está escrito nas páginas da Bíblia, e assim acontecia. Homens como J. M. da Conceição, que abandonou a batina para dedicar-se à pregação do Evangelho e que ofereceu sua vida em holocausto voluntário à obra de evangelização do Brasil, palmilhando estradas que cortam os Estados em todas as direções, sem atentar para outra recompensa a não ser a coroa da vida, insistimos, crentes dessa tempera merecem ser chamados *"Bíblias"*.

Entretanto, com grande tristeza, notamos que hoje tudo mudou. O mundo não vê na conduta de cada crente uma "Bíblia", e se não tem motivos justos para tratar o crente de “Bíblia", algum eclipse espiritual interrompeu o brilho da luz do céu impedindo que essa luz reflita a beleza de Cristo.

A Bíblia não perdeu nem perderá seu fulgor, mas os crentes perderam o primeiro amor; o Livro de Deus continua a ser o mesmo luzeiro dos séculos, porém os crentes distanciaram-se da cruz. A Bíblia fala a mesma linguagem divina, entretanto os cristãos depressa se acomodaram com o linguajar do Egito e com o paladar das cebolas.

Os homens já não vêem "Bíblias", como outrora, andando pelas ruas e cruzando as praças, evangelizando e deixando o aroma de Cristo por onde quer que passavam, impondo respeito ao próprio Demônio. Que vêem os homens, em lugar de "Bíblias"? Verão homens carregados de preconceitos e leis eclesiásticas? Verão alguém mais interessado por um pergaminho do que pela salvação dos pescadores? Atentarão para homens impando de orgulho denominacional, gloriando-se em estatísticas sem verificar se é palha ou grão?

A prosperidade material da igreja nem sempre é índice de crescimento espiritual. Melhor do que orgulho denominacional ou qualquer outra espécie de orgulho, melhor, repetimos, é orar a Deus que dê à Sua Igreja cristãos de qualidade, homens que adornem a coroa com seus talentos e com sua fidelidade, dos quais se possa dizer que seus caracteres são de ouro de elevado quilate.

Muitas cristãos suspiram pelo dia em que sejam maioria para governar a nação, mas talvez não tenham presente a qualidade de cristãos que são dignos de governar. A ver a maioria mandar e governar sem Cristo, embora se diga cristã, é preferível que tal não aconteça. Mil vezes ser minoria entre as nações, mas conservar a vida espiritual dos domínios da fé, a encher a. boca de ordens e assinar decretos sem a assistência de Deus.

O mundo não se interessa muito pela vida da Igreja, mas repara quando há grupos de pessoas egoístas que, cegos pela política religiosa, investem uns contra outros, enquanto as almas sem Cristo são envolvidas e tragadas pelos laços que o pecado e a maldade armaram em cada encruzilhada.

Cristãos de hoje, não ficais compungidos pelo quadro desolador que se apresenta diante de vossos olhos? Não vos dói o coração por haverdes perdido a luz e a graça que ornavam os mártires e conservavam as feras a distância? Não vos pesa a consciência de haverdes perdido essa atração do nome de JESUS que era uma bandeira contra o pecado? Sim, Cristãos de hoje, porque não voltais à fé antiga, ao conceito que os "Bíblias" gozavam entre o povo? Cristãos de hoje, que fizestes da herança que os pioneiros da fé vos legaram? Cristãos de hoje, não vedes o perigo que vos cerca se vos aparentardes com o mundo e vos associardes com os inimigos da fé? Temeis que os homens vos tratem como cristãos? Pois bem. O cristão tem uma cruz que deve levar e essa cruz é o vitupério de Cristo. Quem abandonar a cruz perdeu a moeda com que se alcança a coroa da vida. Quem serrar e diminuir o peso e as dimensões da cruz, torna-a mais leve, mas não conseguirá alcançar a outra margem do Rio da Vida, pois a cruz forma a ponte pela qual se atravessa para a terra da promessa, para os domínios da fé.

Dizei-me, cristãos de hoje, quem vos enganou e vos iludiu, fazendo-vos crer que é melhor ser reverenciado como hipócrita do que desprezado mas temido como puritano? Não creais em tal engodo de Satanás.

Se o Diabo conseguir acorrentar-vos aos preconceitos e roubar a vossa conduta e o conceito de cristão, acenando com lisonjas e honrarias, depressa concluireis que perdestes na transação e, ainda mais, após serdes vencidos, sereis também humilhados.

Satanás não vos poupará. Depois de vos desarmar, zombará da vossa fé, blasfemará contra vosso Deus, desafiará a virtude dos santos e vos lançará em rosto a fraqueza.

Cristãos de hoje, não cedais uma polegada no terreno da crença em Deus. Honrai a confissão que fizestes ao aceitar o Evangelho, transformai a zombaria em gozo, fazei da vossa fé um tesouro mui amado com o qual alcançareis o que nenhum dinheiro consegue — um lugar com Jeová e seu Filho no novo céu e na nova terra.

CAPITULO XIV

PASTOR, QUE VÊS NA CONGREGAÇÃO?

Pode o pregador ou o pastor descobrir algum motivo na congregação que o inspire a tomar boas resoluções? A congregação pode pregar ao pastor? Como é possível o pregador ouvir a mensagem muda que a congregação prega? Que sermões a congregação sugere? Falar, mas também ouvir, eis um assunto a que os homens de Deus que tem responsabilidade no trabalho e na igreja ainda não deram grande atenção. Entretanto é uni assunto que pode determinar o fracasso de uma igreja, o sucesso de um povo, a vitória de uma congregação ou o desaparecimento de uma comunidade.

O pregador perspicaz não fala somente. Êle tem suas oportunidades de falar, mas, também, está atento a ouvir quando o Espírito Santo prega à sua alma e a congregação fala ao seu coração.

O Pastor ou o pregador dotado de certo conhecimento psicológico, ao entrar no templo, lançando um olhar sobre o auditório, lendo a unanimidade do pensamento da congregação, vê ali esplêndida a terra preparada para lançar a semente. No fervor da congregação descobre um motivo para aumentar o seu zelo. A solidariedade da igreja pode ser um sermão eloqüente pelo qual o pregador sentir-se-á apoiado na graça de Deus e unido aos sentimentos elevados do povo.

A consagração e dedicação da congregação ao serviço do Senhor, fala a linguagem casta do amor à causa, e o pregador nessa manifestação tem a certeza de que a Palavra não voltará vazia.

Os bancos cheios pregam o sermão do serviço missionário e apontam o interesse para com*as almas. A atenção do povo indica que há fome de Deus, e o pregador saberá corresponder as necessidades apontadas neste sermão.

A presença dos membros que moram longe do templo pode ser um sermão que leve o pregador a consagrar ainda mais a sua vida ao Senhor e, se necessário, até ao sacrifício, para não fazer menos do que os membros. O temor de Deus manifesto na congregação prega o sermão da necessidade de santidade ao Senhor. Se o temor é visível e sensível no auditório, por certo será real no púlpito, e sê-lo-á, também, na vida do pregador!

Se o povo contribui liberalmente, a congregação demonstra que tanto o coração como a bolsa estão convertidos a Cristo, e que é fácil pregar e obedecer ao "Ide" de Jesus aos discípulos.

São tantos e tão vários os sermões que a congregação prega, que não é possível registrá-los todos num capítulo de um livro. O pregador atento e solícito às necessidades do rebanho sentirá o impulso de cada movimento que a congregação fizer. Descobrirá, entre o povo, os talentos que Deus lhe proporcionou para cooperação e bênção dos salvos e salvação dos que não têm Cristo.

Há talentos nas vozes que podem louvar a Deus, e que valor extraordinário se esses talentos forem movimentados pelo Espírito Santo. Que vês na congregação? Vês pessoas humildes, sem aparência ou grandeza, que derramam seus corações diante do Senhor em oração? Acaso não vês nessas pessoas instrumentos que Deus pode usar para visitar os enfermos, nas casas e nos hospitais, ou mesmo para ir aos novos convertidos e animá-los a continuar no caminho da fé, ou ainda, confortar os que estão fracos e que necessitam de conselhos repassados de prudência?

Que vês na congregação? Vês a mocidade transbordando de vida e desejosa de entrar em ação? Dá-lhe uma ocupação que seja útil ao trabalho do Senhor. Aproveita o seu entusiasmo e instrui os jovens a sair pelas ruas e praças distribuindo literatura; jornais, tratados e a falar pessoalmente de Cristo a quem pedir razão de sua fé.

Há ainda mais alguma coisa de muito interesse na congregação: As crianças a quem os adultos dispensam pouca atenção, requerem o trato das flores. Muitos julgam inútil o dispensar zelo e cuidado às crianças, mas o tempo que se lhes dá, o ensino que se lhes ministra, é centuplicado em bênçãos no futuro, e seria um crime não semear a graça e a fé nos corações que ainda guardam certo grau de pureza e inocência.

O pastor que tem os ouvidos da fé alertados ás necessidades da igreja e o coração consagrado a Deus, verá na congregação um campo imenso de possibilidades e inspiração, pois o simples fato de contemplar os bancos da casa de Deus aparece ante seus olhos como um exército em atividade para a paz.

Estas e ainda outras circunstâncias são parte integrante da vida da congregação que vive ocupada na salvação de almas e que o pastor descobre e utiliza para bênção do trabalho e do ministério. Que vês na congregação? Os teus olhos estão tão carregados que não descobrem a vida intensa, a matéria prima pronta a ser usada na Igreja do penhor?

Pastor, a tua responsabilidade é grande. A tarefa é difícil. A obra pertence aos domínios da fé, e só o Dono da obra pode iluminar a mente para veres os valores úteis na congregação, que tem sua linguagem peculiar.

CAPITULO XV

CIDADE DO PECADO

Forçado por imperiosas e várias circunstâncias, Bom-Senso ausentou-se da cidade em que vivia exilando-se em país distante, sem jamais esquecer os seus queridos e sentindo profundas saudades do lar. Passado muito tempo as saudades aumentaram. O desejo de rever o seu povo andar no temor de Deus tornou-se muito forte e Bom-Senso resolveu voltar à cidade em que antes morava.

Quando chegou às portas da cidade, estremeceu sem saber porque. Pensou que tal estremecimento fosse o efeito produzido pela comoção que sentia ao regressar ao lar, depois de grande ausência, e não deu maior importância ao fato. Ao penetrar as primeiras ruas da cidade, sentiu nova e estranha sensação, mas levou tudo à conta de um sentimento passageiro que breve se desfaria.

Continuou sua marcha para dentro da cidade. Ao encarar com um tal Loquaz, representante do povo, notou que não só Loquaz, mas todos os habitantes o olhavam como um ser estranho e inimigo.

Bom-Senso conhecia as ruas e as praças. Tudo ali lhe era familiar, mas os habitantes não eram os mesmos. Os costumes estavam mudados. As maneiras do povo estavam em contraste com a antiga lei de Deus e ofendiam a justiça divina. As grandes casas de negócio possuíam novos nomes e os artigos agora eram diferentes.

Procurou alguns amigos que temiam a Deus, os quais haviam ficado na cidade quando ele partiu, mas que surpresa, uns haviam sido presos e outros expulsos. Um deles, a Justiça, num dia de remarcada loucura, quando o povo ouviu um discurso de um chefe de quarteirão que se chama Ódio, foi amordaçada, e levada à praça pública e ali despojada da-- sua balança que pesava e julgava com retidão. Desde então ninguém mais a viu exercendo atividade.

Outro amigo de Bom-Senso. a Verdade, teve que lutar com um tal Trapaça que tinha a seu serviço todos os servos de Engano. Em razão de os habitantes haverem seguido a Engano, a Verdade também se ausentou da cidade.

Para Bom-Senso tudo era muito estranho. Pessoas desclassificadas e vis que outrora viviam segregadas à sociedade, trancafiadas nos calabouços-, por serem elementos perigosos e inimigos de Deus, agora desfrutavam muito prestígio, eram os grandes e respeitáveis negociantes da praça, expondo suas mercadorias com tanta manha e técnica diabólica que vendiam arsênico por sulfas, a morte a troco de prazer, sem que alguém ousasse denunciá-los. Com a partida de todas as autoridades honestas e que temiam a Deus, o campo ficou aberto a toda a sorte de aventureiros e inimigos do Senhor.

Foi assim que Bom-Senso, quando procurava seus amigos, encontrou estabelecidos na cidade os agentes do inferno.

Em um dos bairros mais populosos, encontrou uni grande estabelecimento que pertencia à Concupiscência e cujo negócio era

muito próspero. A freguesia era grande. Toda a cidade comprava essa mercadoria, e quanto mais vendia, mais encomendas recebia, pois havia agradado à turba sem Deus., Como já falamos, ódio também possuía seu negócio, tão próspero como o de Concupiscência, tendo ainda a vantagem de ter filiais em outras cidades.

A Vingança, que tantas vezes fora escorraçada da cidade, agora desfrutava grandes privilégios na sociedade local. Sua casa era vistosa, sua mercadoria exposta com muita astúcia; possuía a aparência de verdadeira, e muitos faziam uso dessa miséria.

A Soberba, que outrora não era tolerada nem mesmo nos palácios, instalou-se numa das ruas principais da cidade, e não havia habitante algum que não estivesse contaminado por essa chaga, e que não ostentasse objetos comprados ali.

Bom-Senso teve sua atenção voltada para o enorme magazine existente na Grande Praça da cidade. Quando se aproximou, vendo o copioso número de mulheres ali reunidas, soube que ali estava estabelecida a Vaidade. Na casa de Vaidade, a tagarelice era tal que o som do vozerio era ouvido a alguns quarteirões de distância. Em troca de um farrapo pintado, na casa da Vaidade ficavam enterrados e presos o pensamento altruísta, a virtude, o temor de Deus, o sentimento de família, o amor aos filhos, etc...

Apesar de ser maior o número de mulheres que frequentavam a casa da Vaidade, contudo ali havia de tudo: homens, crianças, moças, moços, todos confundidos em redor de um bazar satânico que atrai para longe de Deus.

Outro negócio muito próspero é o dirigido por Desonestidade; tinha representantes até nas repartições oficiais, e dizia-se à boca cheia que somente os bons cristãos não eram influenciados por esse cancro social.

Maledicência atravancava as ruas com sua mercadoria infamante, fazendo concorrência direta ao negócio de Imprudente.

O Prazer-Mundano possuía maior cadeia de estabelecimentos no gênero, os quais funcionavam noite e dia, retendo, escravizados, os habitantes, para que não pensassem em Deus e se convertessem a Jeová.

A Covardia, associou-se aos negócios de Malícia, cujo objetivo era lançar na praça os artigos da última moda produzidos por Calúnia.

A lista dos negociantes da cidade do pecado, é extensa, por que continuar? De quando em vez, a farândula infernal deslizava pelas avenidas numa exibição de obras das trevas, expulsando qualquer virtude que encontrasse em seu caminho.

Bom-Senso ficou muitíssimo admirado com o progresso do Clube da cidade, dirigido por uma senhora que se chama Hipocrisia. O clube era mais freqüentado por homens do que por mulheres, porém todos os habitantes possuíam título de sócio, pagavam a mensalidade, recebiam sua literatura e faziam propaganda de seu programa .

Era neste clube que se reuniam os políticos de todos os partidos. Era ali que se traíam uns aos outros entre sorrisos sem côr e apertos de mãos contaminadas. O título do Clube expressava as finalidades —

Hipocrisia — e os sócios, coerentes com os estatutos do mesmo, para serem bons sócios, eram grandes hipócritas e os melhores, atraiçoavam os companheiros.

Um dos negócios mais ativos na cidade pertencia a um sujeito que se chama Embriaguez. O número de tabernas era tão grande, que Bom-Senso perdeu a conta das que viu. Em todas elas a freqüência era sobremodo elevada. Em algumas o álcool fazia com que os fregueses que se excediam, imitassem os suínos; não podendo suster-se em pé, deitavam-se pelos cantos ou estiravam-se nas calçadas das ruas. As cenas que se passavam nesses antros eram as mais tristes e mais comoventes diante de Deus, mas o Diabo transformou-as em atração para seus vassalos. Então transformar em álcool nojento e corruptor o pão da esposa e dos filhos famintos é coisa que divirta alguém?

Espojar-se na lama ou fazer-se imitador de macaco é alguma atração honesta? Mas tudo isto acontece na casa de Embriaguez, porque ali o Diabo vive dentro de um copo cheio que é sorvido com avidez.

Ante cenas tão confrangedoras, Bom-Senso, apesar de haver observado apenas uma pequena parte da cidade, estava atônito, pois jamais em tempo algum o pecado se havia amontoado como agora.

Estava resolvido a fugir daquela Sodoma, quando viu bem perto de onde estava, o que lhe parecia ser um templo, e muita gente entrando e saindo do mesmo. Som perder tempo, Bom-Senso encaminhou-se para lá, pensando encontrar ali pessoas que amassem a Deus, dispostas a recebê-lo. Fêz algumas perguntas aos que entravam e saíam do Templo, mas ninguém o entendia. Todos fechavam o semblante quando ouviam falar em Deus Pai, em Jesus Cristo, Seu Filho, e no Espírito Santo. Por fim entendeu que aquela gente havia aprendido no Clube da Hipocrisia, a usar uma capa que se chama religião, que se vendia ali, mas que não tinha relação alguma com o verdadeiro caminho da salvação.

Aflito, Bom-Senso, quis saber que restaria dos cristãos que em tempo habitavam a cidade e que adoravam a Deus em espírito e em verdade.

Dirigiu-se a uma senhora que passava na ocasião e perguntou-lhe se naquela cidade não morava algum cristão, se não restava coisa alguma do povo salvo. Mal humorada, a senhora interrogada que tinha por nome Incredulidade, respondeu: Esse povo que o senhor procura é composto de fanáticos. Noite e dia esse povo atormenta toda a gente, falando de Deus, do céu, das bem-aventuranças, cantando, louvando ao que eles dizem ser o Criador, e afirmando que há inferno. Veja se é possível tolerar essa gente nesta cidade de costumes tão diferentes. Esse povo que o senhor procura não pertence a esta cidade. Eles mesmos proclamam essa verdade, dizendo que são peregrinos, que estão de passagem, para a pátria celestial. Se não fosse o fato de estarem de passagem, como dizem, já as teríamos apedrejado, mas como esperamos que eles saiam daqui, só por isso os toleramos. Eles estão por aí, são poucos, mas ainda assim, são demais para falar com tanta insistência numa tal Verdade que ninguém deseja conhecer.

Bom-Senso tomou alento e regozijou-se por haver Deus conservado alguns que não dobraram seus joelhos diante de Baal, e seguiu[1] em busca de alguém que temesse ao Senhor. Aproximou-se de um rapaz e perguntou-lhe pelo povo cristão. O rapaz olhou-o com admiração e disse: O senhor parece ser estrangeiro; talvez não saiba que me chamo Ateu e que, como todos os habitantes desta cidade, detesto os cristãos.

Eles são conhecidos até pelo olhar. Siga até à Avenida da Graça e ali encontrará quem procura.

Logo à entrada da Avenida da Graça, Bom-Senso viu que alguém o olhava, e esse olhar fêz-lhe pulsar o coração, logo que pousou sobre ele. Aproximou-se para Fazer *uma* pergunta e teve a surpresa de ser entendido, pois ali falavam a linguagem dos anjos, tinham a comunhão do céu; estava entre cristãos e podia dar expansão fio seu júbilo e cantar aleluias.

A nova de que Bom-Senso havia chegado, correu célere de boca em boca e dentro de pouco tempo, um culto em louvor a Deus se realizava, pela chegada de um irmão.

Agora, amigo leitor, ao chegarmos ao fim deste capítulo, talvez suponhas que o assunto seja apenas obra de fecunda imaginação, ou coordenação de pensamentos que não passam do terreno da ficção.

É possível que desejes saber onde está situada a cidade do pecado, e se de fato existe essa estranha sociedade. Entretanto, basta olhar para as condições morais e espirituais da sociedade em que vivemos, para te certificares de que essa cidade está bem perto de ti.

A cidade do pecado é o mundo sem Deus. São as nações que não praticam a justiça. São as cidades que recusam a mensagem de salvação, as vilas que rejeitam o Evangelho e os corações que se endurecem para Jesus, e não querem pensar no país da bem-aventurança onde vive e domina a fé.

Examina se o estado do mundo atual é melhor do que a descrição que fizemos da cidade do pecado, e verás que em certos casos a realidade é mais forte do que a descrição.

CAPITULO XVI

PEDAGOGIA DE DEUS

Não conheço processos pedagógicos mais perfeitos do que aqueles que Deus vem operando nos corações. Os ensinos e a forma que Deus usa para instruir os que desejam conhecê-Lo e servi-lo, deixa todos os sistemas de educação a séculos de distância.

Os métodos que o Espírito Santo põe ante as olhos da alma e do coração, para ensinar a viver a .vida de fé, não são conhecidas dos homens, não podem ser transportados para o papel, porque somente os olhos do Espírito podem ler seus caracteres.

O fato de um homem cheio de vícios sentir, sem que haja lido qualquer compêndio pedagógico, que deve reformar sua vida; compreender que o pecado é um atentado contra a santidade, uma nódoa que o sabão não lava, deve ter uma explicação, e esta explicação não se encontra na pedagogia humana que é falha em todo o sentido espiritual, mas aparece nítida e perfeita na pedagogia divina.

Ante o testemunho de homens que foram escravos do álcool, mas a quem a graça de Deus iluminou e ajudou a libertar-se de tão infame senhor, temos que admitir a supremacia da pedagogia de Deus sobre qualquer outro sistema até agora conhecido. Nenhum ensino e nenhuma fórmula, até hoje, se mostraram capazes de libertar o homem do vício da embriaguez, mas quando a pedagogia de Deus entra em ação. o arcabouço^da personalidade esvazia-se para dar lugar às forças transformadoras que o Espírito Santo mobiliza para expulsar os maus desejos desse vício para nunca mais o acariciar.

O que dizemos da embriaguez, podemos aplicá-lo a todos as problemas que afligem os homens. A pedagogia humana não cria caracteres que se entreguem até ao sacrifício de viver para outrem. Mas quando e&tamos diante de homens e mulheres, aos quais a pedagogia de Deus ensinou a amar, podemos notar a transformação que se operou nessas vidas, levando-as a um devotamento sem limites por amor a Deus e ao próximo, não apenas cm palavras que saem dos lábios, mas em atos de altruísmo contagiante e de amor desinteressado.

Quando ouvimos dos lábios de pessoas convertidas que antes de serem salvas por Cristo eram vítimas dessa mancha que se, chama jogo, fazendo-as descer ao abismo da desordem moral onde naufraga a honra e o bom senso, mas que agora sentem pavor de tocar tal imundícia, temendo manchar novamente sua vida, concluímos que não há ensino nem pedagogia como os que o Espírito Santo traz do céu ao coração, apontando as virtudes de Deus e substituindo valores falsos por fatos- reais que determinam a transformação da vida de pecado em uma vida de consagração aos princípios de santidade, iluminando o espírito no plano da fé e inspirando a alma a desejar viver em regiões mais elevadas e mais perto do lar.

A pedagogia humana é uma linha de ensinos e processos capazes de levarem os homens a um equilíbrio feliz em suas relações aqui na Terra. A pedagogia de Deus é vontade que vence, é desejo que se alcança. Nela está a força transformadora de situações. Seu objetivo entra pela eternidade. Suas relações envolvem a alma, Deus e a vida.

Quando Jesus disse às multidões "aprendei de mira", oferecia aos homens uma oportunidade de experimentarem a força transformadora da pedagogia divina; queria levá-los à conclusão prática da qualidade e infalibilidade de Seu sistema de ensinar.

A resposta dos servidores aos judeus, que em vez de prenderem Jesus, disseram: "Nunca homem algum falou assim como este homem", era a prova de que a singularidade de ensinar, a autoridade de Seus métodos e o alcance de Sua obra haviam deposto todos os sistemas pedagógicos até então conhecidos e afirmava que a pedagogia de Deus não se mede pelos processos humanos, os quais nenhum conforto trazem ao espírito.

Quando todos os métodos pedagógicos falham no processo de transformar o caráter e reformar a vida, surge, então, a pedagogia do céu que revela os valores espirituais em relação, à matéria e exerce sua ação para mostrar aos homens sua responsabilidade diante de Deus, enchendo o coração de desejas santos no sentido de se elevar no sentido espiritual até alcançar a plenitude da graça salvadora e os domínios da fé onde Deus é Rei e Senhor.

CAPITULO XVII

UVAS NA VIDE

Que tempo é este em que faltam frutos nas árvores, amor nos corações, virtudes nos caracteres e sinceridade nas palavras? Não são estes os dias em que os homens dizem "nós somos sábios?" Como, então, os vemos espantados e envergonhados, vítimas dos próprios inventos? Qual a causa determinante deste transtorno na vida dos grandes e poderosos que caíram e não podem erguer-se com suas próprias forças?

Se desejais conhecer os motivos que acarretaram o castigo e humilhação dos orgulhosos, lede o capítulo 8 do livro do profeta Jeremias; ali está exposta a causa direta da queda, isto é, a apostasia e o esquecimento de Deus. Quando o povo apóstata, traz sobre si o castigo inevitável e inexorável. Quando os homens atingem tais extremos, ainda assim Deus lhes oferece oportunidades de voltar e entrar no caminho da fé, e dessa forma enriquecer. Mas, acontece que a cerviz está por demais endurecida, e eles continuam a reter o engano; desconhecem o tempo da visitação de Jeová; desviam-se cada qual para o próprio caminho, não amam a Justiça, não temem ao Senhor, não acertam o passo, sucumbem no próprio laço.

O dia vem quando a ira de Deus os alcançará, mas então já não haverá uvas na vida, nem figos na figueira; o verão passou, as folhas começam a cair, aproxima-se o inverno; a oportunidade de salvação foi rejeitada, o Cristo de Deus foi substituído pelo fogo fátuo da suficiência própria e agora, no dia da visitação do Senhor, tropeçam e caem sem que alguém os persiga.

Que fizestes no verão, homens "sábios-insensatos"? Deus vos prodigalizou talentos e luzes de saber para que ganhásseis outros talentos e abrísseis as portas da graça, tanto para vós como para o vosso próximo, porém perdestes a visão do céu; esquecestes, que éreis pó, quisestes ditar leis à vida, e a catástrofe veio e vos alcançou. "Não há uvas na vide", exclamou o profeta; a colheita findou; a voz da rola desde há muito não perpassa pelos vales desertos; o que se ouve, ao longe, é o resfolegar dos cavalos que anuncia a guerra; toda a terra treme ao ouvir o rincho dos animais, porque a guerra não poupa ninguém nem permite que haja abundância na eira ou no lagar; ainda mesmo que colhais muito, se perdurar a desobediência, comereis pouco.

"Já não há uvas na vide; passou o verão e nós não estamos salvos," será a lamentação do coração em desespero que não atendeu a voz de Deus, quando o Espírito Santo fez soar a mensagem de convite à salvação.

Quando isto acontecerá? Não sei; tanto pode dar-se hoje, como pode sobrevir amanhã; o homem prudente prepara-se e aguarda, abrigado em Deus, o desenrolar e o cumprimento da Palavra do Senhor, confiado na solidez da fé que Cristo dá, penhor de uma vida mais feliz

nos domínios da fé, em companhia dos anjos.

Por enquanto ainda há uvas na videira; Deus ainda nos fala; Jeová ainda nos ama; o Pai ainda nos convida; tudo isto acontece apesar das muitas ofensas que praticamos. Esta mensagem é uma oportunidade áurea, *ê* um convite insistente, um apelo à razão, a voltar a casa paterna. Talvez seja a última oportunidade que nos seja dado ouvir a voz do Espírito Santo, anunciando que o coração de Deus está quebrantado pelas feridas e sofrimentos de Seu povo, pela rejeição da justiça divina, e por haver este povo procedido loucamente, em relação ao Criador.

"Ainda há uvas na vide", ainda há um caminho de redenção. Temos ainda ungüento de Geleá que cura e restaura. Há também um Médico cujo diagnóstico é infalível e cujo remédio vem do país da fé, é feito com essência de amor , e transportado cuidadosamente pela graça, e oferecido pelo Espírito.

Jesus Cristo é esse médico. O diagnóstico? Um mundo enfermo, sofrendo de múltiplos males. O remédio? O Evangelho de poder. Qualquer que o tomar, ficará curado, voltará a gozar saúde espiritual, mas é necessário usá-lo antes que faltem uvas na vide, isto é, antes que o pecado complete a obra de destruição dos sentimentos de justiça que ainda estão unidos à razão. Antes que a fé seja tirada da terra e as trevas desçam sobre o mundo.

CAPITULO XVIII

ALÉM DO RIO

Quantos forem os pensamentos dos homens, tantas serão as conjecturas e os conceitos que se farão acerca da vida futura. Mas que descrição podemos fazer da eternidade? Poderemos, ao menos em parte, revelar o mistério que envolve a vida além do Rio, estado que os nossos olhos não podem contemplar nem a nossa mente conceber ?

Como vivem os nossos queridos que já se foram? — perguntam uns —, viverão conscientes e em pleno gozo? — indagam outros. Para uns a eternidade é um estado não definido; é, apenas, uma obra em período de execução. Para outros a eternidade é alguma coisa terrível e amedrontadora, é um estado de pavor no qual se espera a todo o momento ser julgado e condenado. Há os que concebem a vida além do Rio um perfeito caos, o reino da confusão e da desordem; poucos são os que concebem a vida no além com os encantos que realmente tem para os que já entraram nos domínios da fé.

O homem tem caprichos como as crianças; é curioso é irreverente; tudo quer saber, tudo indaga e perscruta, quer seja lícito ou não. Entra por terrenos estranhos, ultrapassa os limites naturais do pensamento, embaraça-se no fio mais frágil e tênue da razão, não tanto pelo desejo de se educar e elevar nas questões espirituais dos domínios da fé, mas simplesmente por diletantismo e especulação filosófica, e por essas razões não vê luz onde há luz, não vê Deus onde Deus está.

Centenas e milhares de vezes, durante esta vida. o homem lança ao ar esta pergunta: Que haverá além do Rio? Como será a vida na eternidade? Que me espera no Além? Ali a vida será melhor do que aquém do Rio? Enquanto a pergunta encerrar especulação e sofisma, se não envolver um desejo sincero de acertar, e se não houver um propósito elevado de conhecer a revelação de Deus no que diz respeito à vida, o homem continuará atormentado pela dúvida acerca do futuro.

Deus é infinitamente sábio. No mistério da vida acerca da eternidade manifesta essa sabedoria, conservando o homem nessa espectativa, impedindo, assim, que o mortal se, ensoberbeça, considenrando-se onisciente e caia de sua soberba.

Todas as investidas do homem sem Deus no sentido de penetrar na vida além do Rio, resultarão em fracasso. Todas as perguntas estultas fantasiando as perspectivas do futuro, ficarão, para sempre, sem respostas. As interrogações idealizadas não serão satisfeitas. Deus não autorizou homem algum a revelar as condições exatas da vida além do Rio. Entretanto, para aqueles que amam e servem a Deus, os horizontes não aparecem carregados de mistérios; eles não perdem o sono por causa de especulações irregulares. Os salvos não se impacientam por desconhecerem os mistérios da eternidade, em virtude de saberem que um dia o véu será retirado, e todas as belezas agora ocultas serão reveladas. Mas isto acontecerá quando os planos de Deus estiverem cumpridos, e não quando a nossa curiosidade quiser

especular.

O mais acertado e mais prudente nesta vida é estar em Cristo (dentro do Reino), em vez de viver inquietos e embaraçados com indiscreções acerca do futuro. O Espírito Santo revela aos salvos o necessário, mas só o necessário para robustecer a fé, e descansar na graça, cuja plenitude alcançarão quando chegarem aos domínios da fé.

Loucura, a mente humana ambicionar descrever as coisas eternas. Os seres e as coisas celestes são designados por nomes celestes e só podem ser descritos nessa ordem, por quem os conheça e na linguagem do céu. Como admitir tão estulta pretensão de homens que não temem a Deus, que não têm o Espírito Santo e desconhecem a linguagem celestial?

Nesta vida é suficiente saber que somos salvos; sentir que estamos perdoados; constatar que pertencemos a.Cristo e verificar que a graça de Deus está em nós. Estas coisas são o penhor de uma vida feliz e plena de bem-aventuranças além do Rio.

Apesar de todas as restrições impostas pela matéria, ainda assim, os salvos gozam um privilégio que os descrentes não têm. O Espírito Santo, à medida que os salvos crescem na graça, vai revelando as belezas que adornam as terras além dó Rio, onde o amor é a nota dominante da sinfonia da vida que se goza ali.

A fé afirma que são muitas as maravilhas que nos esperam além do Rio, mas como poderei descrever as belezas da nova terra e do novo céu onde habita a Justiça? Com que expressões posso referir-me à Cidade de Deus, construída das mais caras, e finíssimas pérolas numa harmoniosa combinação de pedras raras e preciosas? Que direi das ruas calçadas de ouro do mais fino quilate, polido em alto grau? Como classificar o brilho do sol da Justiça, refletindo sobre tanta riqueza, numa cintilação mágica de harmonia e cores? Como pode a mente humana apreciar as majestosos palácios que a sabedoria de Deus fêz levantar para deleite dos santos e glória de Jeová? Qual o homem que avaliará devidamente a brisa doce e acariciadora que perpassa pelas regiões celestiais tonificando e dando vida de Deus a todo o ambiente? Quem já atravessou os imensos e verdejantes prados que se estendem em todas as direções da terra prometida, num perene convite a alongar a vista pelo país de Beulá? Onde e como classificar os jardins em que viçam os lírios mais alvos, mais raros e mais puros que olhos humanos jamais avistaram? Não poderei, ainda que o queira fazer, dar-vos a noção exata da atmosfera festiva da cidade do Senhor, .pois o canto das aves confunde-se, sem representar dissonância, com o louvor dos remidos pelo Cordeiro, numa sinfonia perene que inspira e arrebata.

O futuro com Deus pertence aos domínios da fé,e só a fé pode descrever estas e outras bênçãos que os salvos por Cristo gozarão no término da jornada terrestre. Para aqueles que atravessaram, vitoriosas, o vale da sombra da morte, despontará a manhã da grande ressurreição que revelará aos salvos toda a glória que os céus reúnem para louvor do nosso Deus.

"Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida".